

urbos

Temas urbanos • Uma publicação da Associação Viva o Centro • ano XII • nº 45 • jan-fev-mar-2008 • R\$ 6

Paulistanidade





O Itaú foi o primeiro banco a reduzir tarifas e a incentivar o uso consciente do crédito.
 É por isso que tudo está dizendo:

Vem, vem,



abre uma conta



no Itaú.



Abra uma conta* em uma das mais de 2.300 Agências Itaú e conte com o melhor banco pela internet**, mais de 23.000 caixas eletrônicos e com o banco que ensina a usar o crédito de forma consciente. Afinal, ter todas as vantagens do Itaú já é muito bom. Agora que ele reduziu tarifas, ficou ainda melhor. Fale com um gerente, disque 0800 17 4828 ou acesse www.itaubank.com.br. Itaú. Feito para você abrir sua conta.



URBS é uma publicação trimestral da Associação Viva o Centro.

Editor: Jorge da Cunha Lima. **Produção e**

edição: LDC Editora e Comunicação Ltda.

Edição de texto e reportagem: Marina

de Castro Alves. **Jornalista responsável:**

Marina de Castro Alves (MTb 49.125).

Projeto gráfico: Kátia Oliveira. **Arte:**

Alessandra Tissoni, Adriana Carrer e Maria

Clara Sato. **Foto da capa:** Cristiano Mascaro/

SambaPhoto. **Colaboradores:** Maria Cecília

Naclério Homem, Maria Izilda Santos de

Matos, Paulo Garcez e Roberto Pompeu

de Toledo. **Impressão:** Ricargraf.

Tiragem: 12.000 exemplares.

Redação, administração, circulação e

assinatura: Rua Libero Badaró, 425 –

4º andar. CEP 01009-000 – São Paulo – SP,

Fone: (11) 3556-8959. **Redação:**

redacao.urbs@vivaocentro.org.br. **Assinaturas:**

www.vivaocentro.org.br/assinaturas.

O conteúdo desta publicação não representa

o posicionamento da Associação Viva o

Centro. Os artigos publicados expressam

tão somente a opinião de seus autores.

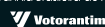


Viva o Centro
São Paulo

Patrocinadores desta edição:



Companhia Brasileira de Alumínio



Nossa Caixa

sumário

7 Editorial

A cidade, entre o público e o privado

8 Ensaio

A capital da solidão

14 Estrutura urbana

A influência do imigrante na arquitetura paulistana

21 Entrevista

Tuca Reinés, Gustavo Piqueira,
Renata Falzoni e Gui Boratto

26 Artigo

Identidade dos paulistanos?

31 Questão urbana

A linguagem da cidade

34 Grande angular

A cozinha dos imigrantes

43 Memória

Adoniran Barbosa canta a cidade

48 Reportagem

Os hábitos dos paulistanos

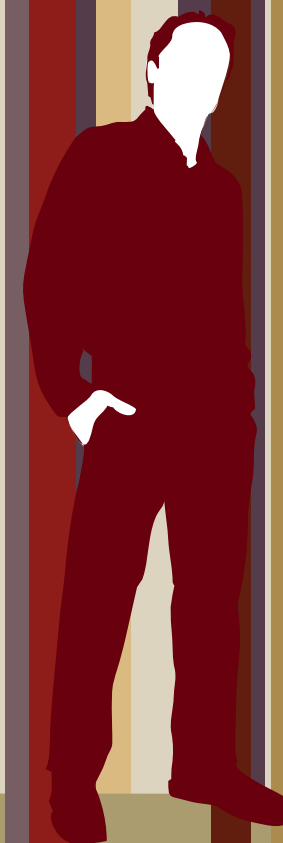
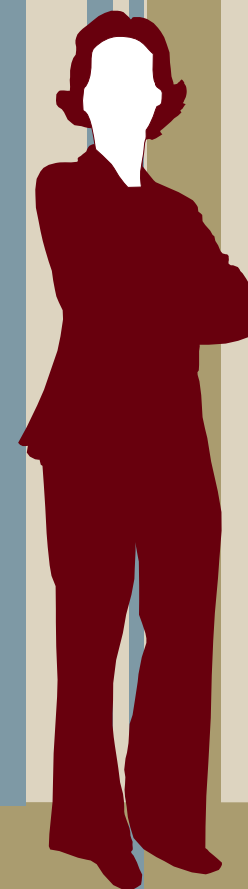
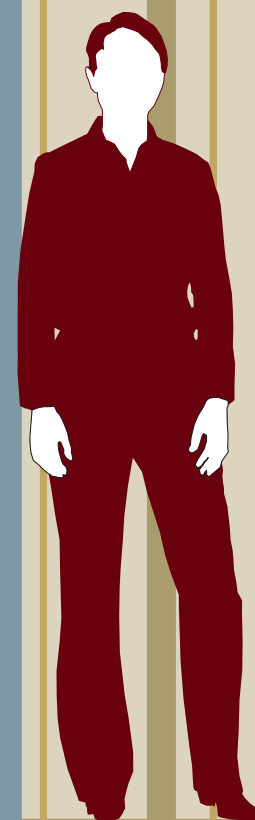
56 Resenha

São Paulo: três cidades em um século

60 Livros

Brás, Bexiga e Barra Funda

61 Cartas



**Faz tempo que
você sonha com
a casa própria.**
Com o Crédito
Imobiliário Nossa Caixa
você realiza seu sonho.

**LIBERAÇÃO
DA CARTA
DE CRÉDITO
NA HORA.**

AQUISIÇÃO DE IMÓVEL		PLANO COM TAXA DE JUROS REDUZIDA			PLANO TAXA DE JUROS ÚNICA		PLANO COM PRESTAÇÕES FIXAS*		
Avaliação ou Compra e Venda (o maior)	Valor do Financiamento	Prazo/ meses	Taxa Anual de Juros		Prestação Inicial	Taxa Anual de Juros	Prestação Inicial	Taxa Anual de Juros	Prestação Inicial
			Durante 36 meses	Após					
40.000,00	32.000,00	180	7%	11%	405,27	9%	454,96	12,5%	427,24
		240			360,82		410,52		395,26
		300			334,16		383,85		379,72
80.000,00	64.000,00	180	8%	11%	815,45	9%	884,93	12,5%	829,49
		240			746,56		796,05		765,52
		300			693,23		742,71		734,44
150.000,00	120.000,00	180	8%	11%	1.544,00	9%	1.637,38	12,5%	1.533,43
		240			1.377,93		1.470,73		1.413,47
		300			1.277,93		1.370,72		1.355,21
250.000,00	200.000,00	180	Não disponível para este valor de imóvel		3.017,79	11%	3.017,79	12,5%	2.539,05
		240		2.740,01	2.339,73				
		300		2.573,35	2.242,07				

Valores expressos em reais. Aprovação de crédito sujeita à verificação cadastral e ao cumprimento das exigências estabelecidas pelo Banco. Os valores constantes no quadro acima são meras simulações e dependem de prévia verificação da situação cadastral de cada cliente. Taxas de juros, prazos e condições gerais sujeitos à alteração sem prévio aviso e ao cumprimento das exigências estabelecidas pelo Banco. *O Plano com Prestações Fixas oferece taxas especiais para operações enquadradas no SFH com prazo de financiamento de até 120 meses.

Você sempre quis ter sua própria casa. Agora é hora de realizar esse sonho. Com o **Crédito Imobiliário Nossa Caixa** você tem as taxas mais competitivas do mercado e prazo de até 25 anos para pagar seu imóvel novo ou usado. **Chegou a sua vez.**

Faça uma simulação de financiamento no nosso site. **Servidores públicos têm condições especiais. Informe-se.**

CENTRAL DE ATENDIMENTO NOSSA CAIXA:
4004-2151 (Capital e regiões metropolitanas)
0800-709-0151 (Demais localidades)
www.nossacaixa.com.br

Nossa Caixa
Mais que um banco. O Nosso Banco.



A cidade, entre o público e o privado

A 7ª Bienal de Arquitetura realizada em São Paulo, entre 10 de novembro e 12 de dezembro do ano passado, trouxe para a grande imprensa um debate da maior importância para o futuro das cidades de uma forma geral e, especialmente, da cidade de São Paulo: a necessidade de valorização dos serviços, espaços e equipamentos públicos.

Como disse Paulo Mendes da Rocha em recente entrevista para o jornal "O Estado de S. Paulo", a cidade é a concretização do desejo de estar junto. Dentro dessa visão, a ideia de cidade está baseada no convívio, nas pequenas tarefas que podem ser feitas a pé, interagindo com vizinhos, conhecidos, com o jornaleiro da banca, com o balconista da padaria e assim por diante.

Mas esse saudável convívio só é possível em espaços públicos de qualidade, com segurança e equipamentos urbanos adequados e capazes de estimular a convivência comunitária. A requalificação dos espaços públicos já consolidados da cidade, além de vir ao encontro desse objetivo, pode ser um importante fator de estímulo ao adensamento urbano, que diminui a necessidade de investimentos públicos em obras de infra-estrutura em locais cada vez mais afastados e o sacrifício das longas e penosas viagens urbanas, consequências da história de expansão especulativa da mancha construída da cidade.

A Associação Viva o Centro, na sua constante busca por ações que possam resultar na requalificação do espaço público do Centro, atua há mais de 12 anos no sentido de orientar a organização de núcleos comunitários de natureza local – as Ações Locais –, que funcionam como um canal

de negociação com o poder público, encaminhando soluções para os problemas de sua área com o objetivo de tirar o melhor proveito possível das potencialidades do lugar.

Hoje, o Centro já conta com 45 Ações Locais. Cada uma delas zela por uma pequena área, como uma rua ou uma praça. Esses grupos objetivam melhorar o atendimento a pessoas em situação de rua, a melhorar a limpeza, iluminação e segurança, prevenir e coibir a ocupação irregular do espaço público e a poluição sonora e visual e incentivar tudo aquilo que possa melhorar a qualidade de vida do local e facilitar o funcionamento das empresas e organizações aí estabelecidas.

Com isso, a Associação Viva o Centro contribui para o resgate do espírito empreendedor e de iniciativa social nas comunidades locais, pois são os seus integrantes que melhor conhecem o lugar onde vivem ou trabalham.

Nesta época em que comemoramos mais um aniversário da cidade e exaltamos a paulistanidade, é importante pensarmos juntos no uso que queremos dar aos nossos equipamentos e espaços públicos porque é desse uso que deriva a sua qualidade.

E é esse desejo de estar junto, de conviver, de usar os espaços públicos de forma aberta e democrática que precisamos retomar para nossa cidade. Não apenas para o Centro, mas para toda a cidade.

Marco Antonio Ramos de Almeida
Superintendente Geral da Associação Viva o Centro



São Paulo, a capital da solidão

Por Roberto Pompeu de Toledo*

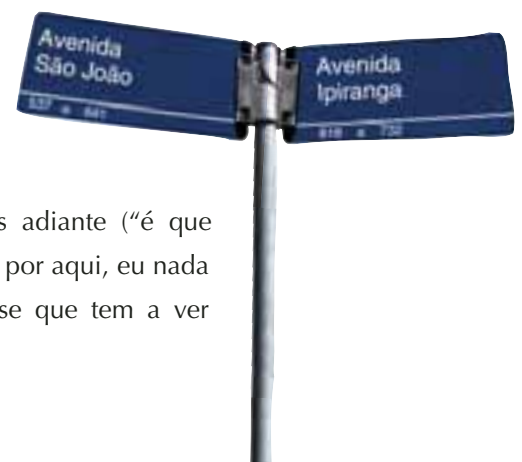
Ipiranga com São João: o cruzamento que representa a cidade

Nas semanas que antecederam, no ano 2000, o dia 25 de janeiro, data do aniversário de São Paulo, o SP-TV, telejornal local da Rede Globo de Televisão, promoveu um concurso para eleger a música que mais representaria a cidade. Os telespectadores eram convidados a depositar, em urnas dispostas em praças e estações de metrô, o voto em que expressariam sua preferência, com base numa lista de conhecimento das canções populares. Ganhou “Trem das onze” (1964), do compositor paulistano Adoniran Barbosa (1910-1982), ficando em segundo lugar “Sampa” (1978), do

baiano Caetano Veloso (1942). São duas músicas diferentes, de compositores diferentes, mas com um traço em comum: nenhuma das duas exalta a cidade. Se o concurso fosse no Rio, difícil seria escapar da exaltação. São infinitas as canções que – com toda a razão – lhe enaltecem as belezas, focalizando o casamento perfeito entre mar, montanha e sol, ó Copacabana, princesinha do mar, ó Cidade Maravilhosa, cheia de encantos mil, ó Rio de Janeiro, fevereiro e março, e minha alma canta, e da janela vê-se o Corcovado, o Redentor, que lindo...

As duas primeiras colocadas no concurso de São Paulo falam de emoções estranhas. No mais famoso trecho de “Sampa”, o autor afirma sentir que “alguma coisa acontece” em seu coração sempre que cruza a Ipiranga com a Avenida São João. A referência é um dos cruzamentos mais movimentados da cidade. Fosse para exprimir outro lugar, a canção evocaria uma paisagem, um sítio histórico, uma praça. Como seu objeto é São Paulo, a escolha recaiu num cruzamento. Um cruzamento! – local de passagem, de uns indo e outros voltando, poucos ficando, a vista mal se fixando num ou noutro ponto, o movimento tomando o lugar do parado,

o fugaz do permanente. Que coisa é essa que “acontece” no coração do poeta, em tal lugar? Não é amor, orgulho ou ternura, como os compositores costumam expressar por suas cidades. Essa “alguma coisa” traduz antes uma perplexidade. Com base no que a canção diz mais adiante (“é que quando eu cheguei por aqui, eu nada entendi”), conclui-se que tem a ver



com desconcerto, desorientação, temor do desconhecido. Digamos, para resumir em uma palavra, que o sentimento experimentado seja de perturbação. E talvez não seja um despropósito conferir ao cruzamento da Ipiranga com a São João, no contexto da letra, a função de (com perdão do palavrão) sinédoque, a figura de linguagem que toma a parte pelo todo. O cruzamento representaria a cidade. A cidade como um todo é que seria perturbadora.

“Trem das Onze”, a música campeã, só incidentalmente fala de São Paulo. É de um conflito humano que trata. Dois fatores, porém, remetem a São Paulo. Um é referência a um bairro paulistano, o Jaçanã – bairro pobre e distante, bem lá longe, retirado justamente por essa canção do anonimato a que lugares assim costumam ser condenados. O outro é o tom paulistano que Adoniran Barbosa imprimia a suas composições, seja pelo jeito de falar, salpicado de sotaque

e gírias típicas, seja por um tipo de samba que difere da matriz carioca. Fora esses dois fatores, o que está presente não é a cidade, pelo menos de forma explícita. Antes é o drama, algo cômico, como é característico de Adoniran, de um homem dividido entre duas fidelidades – à amada e à mãe –, tendo de permeio um horário de trem adverso. “Não posso ficar nem mais um minuto com você”, diz o homem, na música, e explica por que: “Moro em Jaçanã/ Se eu perder esse trem/ Que sai agora às onze horas/ Só amanhã de manhã”. O drama se completa quando o homem confessa: “Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar”. Ele não se sente capaz de roubar o sossego da mãe em favor da namorada. A incompatibilizar uma e outra, com a crueza implacável de uma máquina, há o trem das onze. A sensação, aqui, é de impotência diante de um quadro opressivo.

Cidade-mutação e cidade-máquina

É interessante, muito interessante, que o povo que atendeu à convocação da Rede Globo tenha eleito “Trem das Onze” a música mais representativa da cidade. Talvez a identificação tenha a ver com aspectos exteriores da composição, como o sotaque ou o bairro do Jaçanã. Arrisquemos, no entanto, ir além. O papel central na letra é o do trem. Ele até dá título à música. E o trem remete a algo em que o movimento vence o marasmo, o fugaz desafia o permanente. Da janela do trem, para recorrer ao chavão, tudo passa velozmente, uma imagem sucedendo à outra, nenhuma prevalecendo. A janela do trem é a derrota da fixidez. Eis-nos de volta a idéias assemelhadas às sugeridas pelo cruzamento da Ipiranga com a São João. Acresce que o trem é uma máquina, insensível e pragmático como soem ser as máquinas. De novo poderíamos tomar o trem como uma (perdão) sinédoque, ainda mais que é um meio de transporte, um decisivo equipamento urbano, e concluir que é uma representação da cidade. A cidade é que se apresentaria, não só em eterno movimento, sucessão de imagens desconcertantes, mas

também como máquina. Daí o personagem da música sentir-se oprimido. E daí talvez os votantes do concurso terem elegido “Trem das Onze”. A eles também a cidade se afiguraria o primado da impertinência e da mecânica impessoalidade, cidade-mutação e cidade-máquina.

As percepções da cidade embutidas nas duas canções estão de acordo com os adjetivos que mais facilmente vêm à mente quando se pensa em São Paulo: trepidante, tentacular, vertiginosa. São Paulo não provoca admiração, como outros lugares – pelo menos, não no que a palavra admiração tem de benigno e suave. Provoca pasmo, este sentimento em que a admiração supera-se em susto – consequência do gigantismo, da onipresente sensação de urgência, da inquietante consciência de se estar num labirinto urbano que se prolonga ao infinito. De todos os paradoxos de São Paulo, um dos maiores é o que oferece o cotejo de seu presente com seu passado. Se há um lugar que se possa dizer que já nasceu distante, esse lugar é São Paulo. Quando surgiu, era a primeira cidade, ou melhor, vila, ou melhor, vilarejo, brasileiro do interior, fora de mão e livre do alcance dos navios da metrópole. Por mais de uma ocasião esteve ameaçada de penosos retrocessos, se não de extinção, por motivos de abandono dos moradores, da precariedade de recursos e do que por vezes pareceu uma irremediável falta de futuro. Seu destino, ao longo dos três primeiros séculos de existência, foi de isolamento e de solidão. Em 1872, quando os primeiros sinais de prosperidade começavam a visitá-la, por obra da riqueza trazida pelo café, a população de pouco mais de 30 mil habitantes ainda a situava na rabeira das demais capitais brasileiras em relação ao número de habitantes, atrás do Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belém, Niterói, Porto Alegre, Fortaleza e Cuiabá, empatando com São Luis. Em 1890, já tinha dobrado de tamanho e contava 64.934 habitantes. Ainda assim, era oito vezes menor do que o Rio de Janeiro (522.651), quase três vezes menor que Salvador (174.402) e quase duas vezes menor que o Recife (111.556).



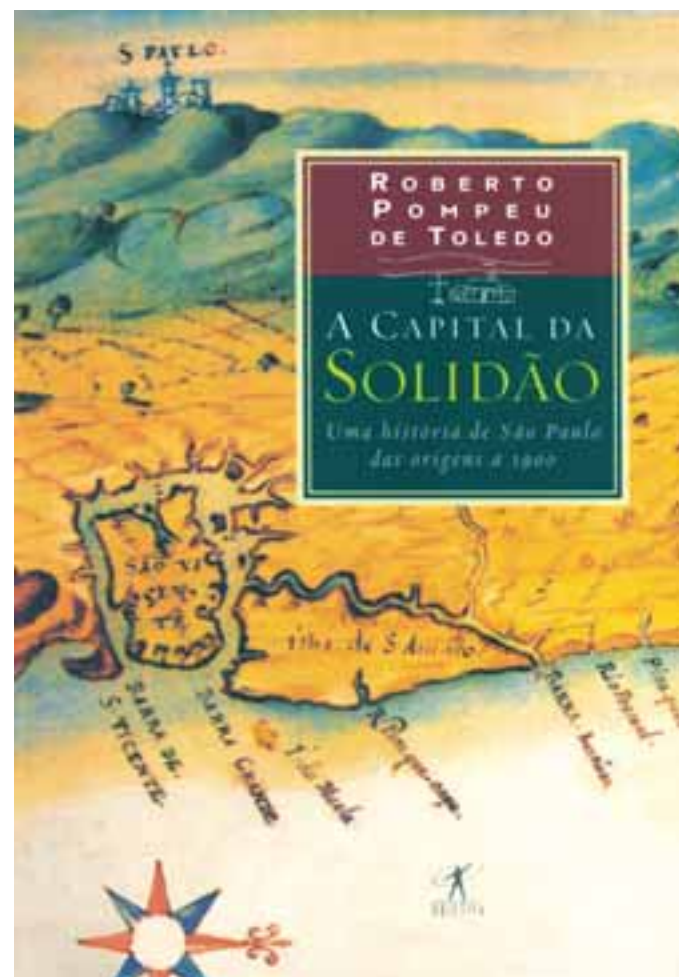
Colocação de trilhos na ladeira de São João esquina com Libero Badaró, em 1900: cidade passava por inúmeras mudanças

Cidades são artigos que nos parecem familiares, há tanto tempo presentes na história e tão implantados na face do planeta que, se distraímos, esquecemos que, um dia, não existiram. Até as confundimos com acidentes geográficos. Eridu, na Mesopotâmia, considerada a primeira cidade do mundo, teria nascido antes das árvores, segundo o mito que explica sua origem. Ocorre que as cidades, em vez de dádivas da natureza, são uma invenção humana, assim como a roupa, a faca, o vaso, a mesa, o livro, o brinquedo, o relógio, o avião, o foguete, o computador. Com a diferença, com relação a tais objetos inanimados, que crescem, diminuem e pulsam, o que equivale a dizer que são uma criação humana dotada de vida. As cidades nascem e, muitas vezes, morrem. Têm infância, mocidade, vida adulta e velhice. São Paulo conheceu um desenvolvimento atípico. Na arrastada infância, foi um lugar especulativo – será que vingará, será que terá função relevante a cumprir? O momento em que finalmente engrena e começa a virar a São Paulo que se conhece é súbito como uma explosão.

São Paulo, de tão obscura, nasceu até escondida. O espaço onde se assentaria mantinha-se não só invisível aos olhos dos que chegavam do mar, como que protegido por essa muralha compacta, impressionante, que é a Serra do Mar. Euclides da Cunha, em “Os Sertões”, descreveu-a como “dilatado muro de arrimo, sustentando as formações sedimentárias do interior”. Não se compreenderá a história de São Paulo sem antes atentar para a Serra do Mar. Vista de baixo, ela veda o horizonte, tranca a paisagem. Põe um ponto final à terra, como a querer esconder algum outro mundo, protegê-lo, proibi-lo. Os paulistas estão hoje tão acostumados a ela que mal se importam com sua silhueta majestosa, guardiã entre o mar e a terra, degrau de acesso ao Planalto de onde se desenvolverão as lonjuras do interior do Brasil. Galgá-la, hoje, pelo menos quando não é fim de feriado, e o retorno a São Paulo resulta nos maiores congestionamentos do Brasil, se não do Hemisfério Sul, é tão simples quanto subir o lance de escada de um sobrado para ganhar o andar de cima. Servem a esse propósito duas das melhores estradas brasileiras,

as vias Anchieta e Imigrantes, significativamente apelidadas com nomes evocativos e dois momentos cruciais do fluxo entre os dois lados – o primitivo, da época dos primeiros povoadamentos do Planalto, e aquele que, na passagem do século XIX para o XX, transformou a região num dos aglomerados de gente vinda de diferentes partes do mundo.

Imagine-se, porém, subir a serra no tempo em que não havia estrada, apenas trilhas indígenas no meio do mato. Aliás não é preciso imaginar, basta seguir as descrições do padre Anchieta, que tantas vezes teve de dar-se a esse esforço. Num de seus textos qualificou o caminho como “mui áspero e, segundo creio, o pior que há no mundo”. Noutro, afirmou que nele “dificultosamente podem subir nenhum dos animais, e os homens sobem com trabalho e às vezes



O livro de Pompeu de Toledo mostra a evolução da cidade até 1900

de gatinhas”. Outro jesuíta, o padre Fernão Cardim, que fez o trajeto em 1585, escreveu: “O caminho é tão íngreme que às vezes íamos pegando com as mãos”. O viajante de hoje vai sobre rodas e, ao subir a serra entre Santos e São Paulo, quer por motivo da alta velocidade com que consegue avançar, quando o caminho está livre, quer, na circunstância oposta, por efeito do mau humor causado pelo congestionamento de tráfego, apresentará outra característica a diferenciá-la do viajante de outrora: estará menos receptivo à beleza e ao mistério do lugar. Atravessa-se ali um exuberante pedaço de Mata Atlântica, densa, variada, cortada por correntes de água que despencam em cascatas. Quando o tempo está claro, sem a neblina tão freqüente, em vários trechos se pode ver o mar, lá embaixo. Ao padre Cardim não escaparam as maravilhas do local. “Chegando ao Parana-piacaba”, escreveu, “lugar donde se vê o mar, descobrimos o mar largo quando podíamos alcançar com a vista, e uma enseada de mangais e braços de rio de oito léguas e duas e três em largo, cousa muito para ver”.

O que dá à serra aparência de muralha não é só a altura de 800 metros, nem a continuidade compacta com que se desenvolve, paralela ao mar. É também o fato de subir não em pequena inclinação, por meio de suaves escarpas, mas de maneira abrupta, e de cima, no cume, exibir um perfil composto não de uma sucessão de picos, uns mais altos e outros menos, mas de uma linha reta, ou quase reta, como nas paredes feitas com mão de homem. Nesse trecho, a Serra do Mar, que vem vindo desde o sul da Bahia e vai durar até já bem avançada no Rio Grande do Sul, encontra-se muito próxima da orla marítima, não mais do que dez quilômetros, e por isso pode ser vista em toda a inteireza de seu papel de escudo contra a penetração do interior. Até hoje, mesmo com todos os prédios a cercar a vista, contempla-se a Serra do Mar praticamente de qualquer ponto das cidades irmãs xifópagas de Santos e São Vicente. A partir de um ponto como a Ponta da Praia, local onde começa o canal que conduz ao porto de Santos, tem-se dela uma vista privilegiada. É onde, provavelmente, os primeiros eu-

ropeus atracavam seus navios. Atracavam e viam o paredão. Fazer o quê? Ora, um paredão oferece duas alternativas. Ou bem o forasteiro se intimida, desiste e recua, ou avança e ousa vencê-lo.

Uma barreira tanto desencoraja quanto tenta. Se existe, é porque esconde algo. Se esconde algo, é porque é precioso. Os primeiros portugueses decidiram-se pela segunda alternativa, ato que seria o primeiro a determinar a criação da cidade de São Paulo.

P.S.: Lembremos que em “Sampa” a perturbação que o compositor sente diante de São Paulo tem uma contrapartida – a atração. Tanto quanto estranheza, a letra sugere um caso de sedução pelo grande e o desconhecido, e pela promessa de enriquecimento neles contida. É que, em “Trem das Onze”, em paralelo ao drama, transcorre uma comédia, estrelada por um sujeito inseguro, perdido entre seus afetos e lealdades, incapaz de superar obstáculo tão comezinho quanto um horário de trem. Conclusão: São Paulo pode ser perturbadora como em “Sampa” e opressora como em “Trem das onze”, mas também sedutora como em “Sampa” e divertida como em “Trem das onze”.

* Este artigo do jornalista Roberto Pompeu de Toledo é parte de seu livro, “A Capital da Solidão – Uma história de São Paulo das origens a 1900”, publicado em 2003 pela Editora Objetiva.



Estação da Luz: obra inteiramente importada da Inglaterra foi montada por técnicos vindos daquele país

Os imigrantes e a construção da São Paulo do café e da indústria

*Por Maria Cecília Naclério Homem**

Os imigrantes participaram ativamente do processo de vulgarização de estilos de arquitetura e de técnicas construtivas, como a alvenaria de tijolos e o concreto armado, atuando como arquitetos, engenheiros, mestres-de-obras, artistas, artesãos e pedreiros.

Enquanto a Europa e os Estados Unidos viviam os efeitos da Revolução Industrial e o processo de intensa urbanização, a cidade de São Paulo era caudatária dos ciclos do açúcar paulista e das tropas de mulas, e abastecia outras regiões com os produtos de sua economia de subsistência. Até meados do século XIX, ela permaneceu concentrada na colina histórica em que se dera a sua fundação, além da existência ao seu redor, de bairros rurais, sítios e fazendas dispostos ao longo dos caminhos que conduziam os paulistas para o litoral e o sertão. É possível dizer que a capital paulista só viveu o seu primeiro grande surto de urbanização a partir do último quartel daquele século, quando se tornou o grande pólo da riqueza cafeeira. Em um breve período, transformou-se no maior centro distribuidor de café do País e passou a contar com uma ampla rede ferroviária, o que favoreceu sua trajetória rumo ao crescimento e ao progresso.

Algumas décadas anteriores à Abolição da Escravidão, dada a escassez de mão-de-obra servil face à expansão da cafeicultura, as autoridades e fazendeiros de café procuraram providenciar a vinda de estrangeiros com o objetivo de suprir a falta de braços na lavoura. A chamada Primeira República instituiu a imigração subvencionada, o que estimulou o afluxo de grandes levas de imigrantes, compostas, sobretudo, de europeus: portugueses, espanhóis, alemães, eslavos e, principalmente, italianos. Além de camponeses, chegaram elementos urbanos, entre os quais, comerciantes, técnicos, profissionais liberais e artistas.

São Paulo foi a cidade brasileira que mais acolheu imigrantes. Entre 1877 e 1914, entraram na Província-Estado 1.728.620 imigrantes, dos quais 845.816 eram italianos. Uma boa parte desse contingente fixou-se na capital, o que determinou o aumento de sua demografia e a conseqüente expansão urbana. A antiga “capital dos fazendeiros de café”, que em 1872 não abrigava mais do que 32 mil habitantes, passaria a contar com 240 mil moradores no começo do século seguinte, cerca de metade dos quais era composta de italianos. No Centenário da Independência, já abrigava mais de meio milhão de habitantes e tornava-se o primeiro centro industrial do País.

Uma nova paisagem urbana

Os recém-chegados desempenharam papel relevante quanto à organização econômica, social e cultural da cidade. Sua presença e contribuição se fizeram notar em setores da vida urbana como comércio, profissões liberais, artes e construção civil, concorrendo para a nova fase da história da cidade. Encontraram uma sociedade que evoluía do sistema patriarcal para o liberalismo, ainda fortemente preconceituosa quanto ao trabalho braçal (herança da escravidão), mas já consciente da importância do trabalho livre como fonte de riqueza e da necessidade de contar com mão-de-obra qualificada para a indústria nascente e a construção civil.

Os imigrantes alteraram a vida cotidiana dos paulistanos, a paisagem urbana, os costumes e a forma de falar dos paulistas. Multiplicaram-se os pequenos comerciantes e as carrocinhas de entregas de mercadorias. A cidade animou-se com a presença dos cocheiros que passavam gesticulando em seus tálburis, enquanto se ouviam os pregões dos jornaleiros, engraxates, tripeiros, garrafeiros, vendedores de pizza e de bilhetes de loteria, agenciadores de hotel etc. A estrutura urbana, transformada pela implantação das ferrovias e pela formação dos primeiros bairros residenciais dos fazendeiros de café (Santa Ifigênia e Campos Elíseos), foi acrescida de novos bairros burgueses (Higienópolis e Avenida Paulista) e dos operários e industriais. Nas terras mais baixas, sujeitas a inundações, formaram-se os bairros do Brás, Pari, Mooca, Belenzinho, Bom Retiro e Barra Funda, dispostos ao longo das linhas ferroviárias.

A expansão da mancha urbana ocorreu em ritmo acelerado. O crescimento demográfico e a intensa procura por moradia, bem como os serviços de infra-estrutura urbana como: abertura de ruas, transportes públicos, instalação de redes de água e de esgotos, iluminação pública e domiciliar, levaram à valorização das terras e ao incremento da construção civil. Em fins do século XIX, vários fatores favoreceram o surgimento de uma especulação imobiliária desenfreada que perdura até hoje. Entre outros, salientam-se a quebra do

Banco Mauá, as conseqüências do Encilhamento e a insegurança gerada pela Abolição da Escravatura e pela Proclamação da República.

A construção civil tornava-se uma indústria, uma nova forma de investimento e de renda. E São Paulo conheceu novos modos de construir e de morar que substituíram as edificações de taipa, barro socado entre formas de madeira, material costumeiro do Planalto Paulista. Diferentes técnicas construtivas e estilos de arquitetura tornaram-se conhecidos e vulgarizados entre nós. Nessas operações, salientamos a importante contribuição do imigrante.

O ecletismo

Na República Velha edificou-se uma nova cidade à base de tijolos e de outros materiais, importados em sua maioria, que chegaram acompanhados dos mais variados estilos de arquitetura, os denominados neos (neoclássico, neogótico, neo-românico, neocolonial), mourisco, estilos regionais europeus, tais como o toscano, veneziano, normando, alpino e “cottage”, além da combinação de vários estilos na mesma obra e da “art nouveau”.

Profissionais qualificados projetaram e construíram edifícios públicos e particulares, residências de luxo e casas para a classe média e operária. Arquitetos e engenheiros de origens variadas – estrangeiros ou brasileiros formados no exterior – atuaram em São Paulo. Até cerca de 1915 ou 1920, a maior parte das obras públicas e particulares de envergadura estiveram a cargo de uma série de arquitetos, em especial de Francisco de Paula Ramos de Azevedo e de seus inúmeros colaboradores, entre os quais, Luigi Pucci, Domiziano Rossi, Cláudio Rossi, Ricardo Severo, Felisberto Ranzini e Adolfo Borione, Matheus Haussler, Carlos Ekman, Victor Dubugras e tantos outros.

Para tanto, contaram com a participação dos imigrantes. Eram artistas e pintores, construtores, mestres-de-obras, pedreiros e carpinteiros, que atuaram na construção civil. Ao mesmo tempo, os pequenos e médios profissionais, de origem alemã, portuguesa e italiana, trabalharam de forma independente e supriram a grande demanda da população. Apesar do pioneirismo dos profissionais portugueses e alemães, os italianos, que eram em número superior,

chegaram a representar três quartos dos pedreiros e quase a totalidade dos mestres em atividade na São Paulo de começos do século XX. Tornaram-se mesmo conhecidos pelos nomes que aquelas profissões levavam na Itália: *muratori* e *capomastri*. Dessa forma, dizia-se que a São Paulo do café foi construída pelos italianos, os quais legaram influência marcadamente peninsular à sua arquitetura.

Mas foi o estilo neoclássico – implantado em 1878, com a construção do Grande Hotel, obra do arquiteto alemão Von Puttmaker – que ganhou a preferência dos paulistanos e acabou por tornar-se moda na capital. Outro grande projeto neoclássico foi o do Museu do Ipiranga, projetado por Tommaso Gaudenzio Bezzi (em 1884) e construído por Luigi Pucci (1885-1890), o qual influenciou outros projetos, tais como as residências do Conselheiro Antônio Prado e de Elias Pacheco e Chaves, atual Palácio dos Campos Elíseos, ambas de finais do século XIX.

Outro exemplo de obra neoclássica é a casa da família Matarazzo, na Avenida Paulista, hoje um grande estacionamento. A casa foi projetada e construída pelo mestre-de-obras Giulio Saltini e lembrava, por suas formas e distribuição no terreno, uma pequena vila da cidade de Pompéia.

Os italianos trouxeram o estilo neoclássico na retina e na mente. Muitos haviam estudado nas escolas populares de Belas Artes, as quais baseavam seu ensino no Manual Vignola, obra comumente utilizada nas escolas técnicas e nas melhores escolas de arquitetura do ocidente até pelo menos o início do século passado.

Aqui auxiliaram a divulgação desse estilo e dos regionais italianos, ou assimilaram outros estilos, a seu modo, conferindo interpretação popularesca nas construções que ficaram a seu critério. Alguns participaram do ensino das artes, trabalharam e estudaram no Liceu de Artes e Ofícios, escola reformada pelos engenheiros e arquitetos da Escola Politécnica com o objetivo de qualificar a mão-de-obra para a construção civil e a indústria.



Foto: Daniel Crescente

Alinhamento com a rua, porão e entrada lateral caracterizam a casa operária

A casa operária e a expansão vertical

Quer como mestres, quer como moradores, os imigrantes foram os principais responsáveis pela multiplicação de um tipo de moradia unifamiliar, conhecida como casa de operário. Ela apresentava uma planta padrão que podia ser ampliada de acordo com as posses do cliente. A maioria era geminada, implantada no alinhamento da rua, dispondo de uma entrada lateral que dava acesso a uma seqüência de cômodos: sala, dormitório, sala de jantar e cozinha, até chegar ao quintal, onde ficavam o tanque e a latrina.

A casa operária, também dita casa de italianos, proliferou por toda a cidade, sobretudo nos bairros operários e médios. De modo que a velha São Paulo de taipa do período colonial e dos meados do século XIX, tornara-se apenas uma lembrança.

Nas primeiras décadas do século passado, enquanto se processava a expansão horizontal, São Paulo também conheceria as primeiras manifestações de sua expansão vertical, ocorridas a princípio no hoje chamado Centro Velho.



Museu Paulista: projeto neoclássico dos italianos Tommaso Gaudenzio Bezzi e Luigi Pucci

Fotos: Ivan Cruz

O alargamento de vias centrais, como a Líbero Badaró e a Ladeira de São João, ou mesmo o Largo do Patriarca, proporcionara novo gabarito às construções. Ao mesmo tempo, dava-se seqüência ao processo de valorização dos imóveis. Além dos lucros do café, também os da indústria começaram a ser aplicados na especulação imobiliária. Sobretudo no Centro, dada a facilidade de comunicação representada pela maior afluência de transporte, maior número de tele-

fores e pela presença dos correios, proporcionando maior conforto aos usuários, os terrenos valorizaram-se brutalmente, o que levava os construtores a aproveitá-los ao máximo. Assim surgiram uma série de prédios, a princípio de quatro, cinco e seis andares, com salas para escritórios.

A tendência ao crescimento vertical de São Paulo se afirmou nas décadas seguintes. Em 1911, dos 36.128 prédios urbanos, apenas 2.619 eram de um andar e 159, de mais de um andar. Em 1919, confirmavam-se as primeiras tentativas de expansão vertical: o número de prédios de mais de um andar passara de 340, dos 58.698 existentes.

As primeiras experiências relativas às construções urbanas de grande porte na metrópole do café haviam sido feitas com estruturas metálicas. Não eram produzidas pela nossa indústria, mas importadas, geralmente da Inglaterra e da Bélgica e sua utilização em São Paulo deveu-se primeiro aos profissionais estrangeiros. O Viaduto do Chá (1892), do francês Jules Martin, foi a primeira obra urbana no gênero.

Já a Estação da Luz foi o primeiro grande edifício a utilizar estrutura metálica em São Paulo. Datada de 1900, foi inteiramente importada da Inglaterra pela São Paulo Railways, desde os tijolos até os parafusos, tendo sido montada por técnicos vindos especialmente daquele país. Este sistema construtivo mais leve e resistente permitia maior economia de espaço. Porém o sistema era caro por não ser possível produzir

O Viaduto Santa Ifigênia foi projetado e construído por italianos com estrutura importada da Bélgica



Viaduto do Chá, obra do francês Jules Martin

a estrutura aqui e pela sua montagem exigir a presença de técnicos estrangeiros.

Em 1912-13, os italianos Giulio Micheli, arquiteto, e Giuseppe Chiappori, engenheiro, construíram o Viaduto Santa Ifigênia, com estrutura importada da Bélgica.

Devem-se aos profissionais italianos os primeiros prédios altos do Centro, de três e quatro andares. Atribui-se a eles também o primeiro prédio de cinco andares, o “Prédio da Providência”, na esquina da Praça da Sé com a XV de Novembro e a Rua Anchieta.

O concreto armado e o crescimento vertical da cidade

O primeiro exemplo de edifício de porte executado em concreto em São Paulo foi a Estação Mayrink, da Estrada de Ferro Sorocabana (1907-08), conforme projeto do arquiteto

franco-argentino Victor Dubugras, professor da Escola Politécnica e um dos introdutores da “art nouveau” entre nós.

A altura dos prédios só mudou de patamar a partir da introdução do elevador e de uma legislação favorável à verticalização, representada pelo Código de Obras “Arthur Saboya”. Cristiano das Neves, fundador do curso de Arquitetura da Faculdade de Engenharia Mackenzie, em 1917, foi o autor do projeto e da construção do Prédio Riachuelo, de sete andares, na Ladeira Dr. Falcão esquina com a Rua Líbero Badaró, bem como do Edifício Sampaio Moreira. Situado na Rua Líbero Badaró, esse foi o primeiro prédio em São Paulo a ter 14 andares e novidades como o primeiro *roof garden* da cidade.

Mas nada se comparou ao Edifício Martinelli, iniciativa do empresário italiano Giuseppe Martinelli, que marcou época e alterou a paisagem urbana. As obras foram iniciadas em 1924 e concluídas em 1929, com 12 andares. O prédio foi ganhando andares até chegar ao seu trigésimo pavimento.

Trata-se da primeira grande proposta executada em concreto armado, tanto em altura quanto em área construída. O Comendador Martinelli, como era conhecido, tinha formação de técnico em construção civil. Não só descendia de uma família tradicional de pedreiros e empreiteiros como cursara a Escola Popular de Belas Artes em Luca, sua cidade natal, possuindo diploma de *capomastro*. No Brasil, ele fez fortuna, tornou-se um *self-made man*, isto é, um homem que se fez por si. Começou como mascate nas zonas cafeeira e tornou-se representante de marcas estrangeiras e dono de casa bancária.

O Prédio Martinelli está no limiar de uma nova fase do crescimento vertical da cidade, que só se generalizaria após os anos 1940. Constituiu uma experiência inédita. Com 30 andares, 130 metros de altura e mais de 46 mil metros de área construída, tornou-se uma epopéia e alimentou polêmicas das mais variadas. As obras funcionaram como verdadeiro laboratório e escola para a mão-de-obra empregada, tal a variedade de obstáculos que precisaram ser superados.



Foto: Daniel Crescente

Após a sua construção, multiplicaram-se os edifícios no centro urbano e adjacências, bem como em determinados bairros, onde passaram a ter a função residencial. Tais iniciativas e outras tantas – como também as obras públicas (viadutos urbanos, pontes ferroviárias e as principais estradas de rodagem) – consagraram o uso do concreto armado no lugar das estruturas metálicas.

Portanto, podemos dizer que a atuação maciça do imigrante contribuiu fundamentalmente tanto para a expansão horizontal, quanto vertical de São Paulo. É preciso observar também que o fenômeno *capomastro* não se exauriu na cidade até pelo menos os anos 1950. O construtor de origem imigrante teve importante papel no que se refere à introdução e à generalização de técnicas construtivas que se revelaram fundamentais para a edificação da cidade de São Paulo: a alvenaria de tijolos e o concreto armado, ainda hoje utilizados em larga escala em toda a metrópole.

* *istória da Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, atua como pesquisadora do IEB (Instituto de Estudos Brasileiros – USP) e é autora dos livros: “O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918”, “Prédio Martinelli: a ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo” e “Higienópolis, Grandeza de um Bairro Paulistano”.*

Edifício Martinelli: obras funcionaram como verdadeiro laboratório e escola para a mão-de-obra empregada



Quatro histórias de amor por São Paulo

Tuca Reinés, Gustavo Piqueira, Renata Falzoni e Gui Boratto.
Fotógrafo, designer, apresentadora de televisão e produtor musical.

De diferentes profissões, esses quatro paulistanos têm em comum a arquitetura como antiga profissão e, principalmente, o amor por São Paulo.

Nessa entrevista eles falam de seus lugares preferidos, marcos arquitetônicos e traçam um mini-roteiro pela cidade.

Formado em Arquitetura e Urbanismo, em 1981, pela FAU Santos, Tuca Reinés interessou-se pela fotografia em meados da década de 1970. Hoje ele coleciona prêmios na área de fotografia, além de participar de palestras em diversos estados brasileiros e fazer parte do corpo de jurados em concursos de arquitetura. Além disso, tem trabalhos editados em diversos países, como Austrália, Argentina, Colômbia, Estados Unidos, Grécia, França, Inglaterra, Espanha, Portugal, Itália e Alemanha. É assíduo colaborador das revistas Vogue e Casa Vogue e autor de cinco livros de Arquitetura, além de figurar como colaborador em outros 22 livros.

Urbs: Como foi sua experiência com a arquitetura?

Tuca: Trabalhei por apenas quatro anos como arquiteto, tive um escritório de arquitetura, mas depois que meu sócio foi para o Japão, acabei indo viajar como fotógrafo e parei de trabalhar como arquiteto.

Urbs: O que mais encanta na cidade?

Tuca: Gosto das ruas de São Paulo, das surpresas e de bairros onde é possível caminhar, ir à padaria ou no boteco da esquina. Gosto muito dos Jardins e do Centro, em especial a praça do Viaduto do Chá.

Urbs: Você trocaria São Paulo por algum outro lugar?

Tuca: Morei um ano na Itália e em Nova York também. Viajo muito, mas nunca deixei São Paulo. Sempre que volto, tenho tudo aqui: a mesma casa, os mesmos móveis, os mesmos colaboradores. E gosto muito disso.

Urbs: Como você vê São Paulo do ponto de vista arquitetônico?

Tuca: São Paulo difere de outros lugares por ser heterogênea. Aqui, o urbanismo é diferente de bairro para bairro. Existem semelhanças, mas em geral as características são bem diferentes. Nós sabemos que São Paulo é uma cidade que não preserva sua arquitetura, mas, além disso, São Paulo é uma cidade que muda rapidamente, se transforma a cada década. Ou até menos. Se você vai a outras cidades, como Nova York, por exemplo, e volta um ano depois, encontra a mesma esquina, o mesmo porteiro com o mesmo uniforme, fazendo a mesma coisa. Em São Paulo, em um ano, tudo fica diferente.

TUCA REINÉS



Foto: Guilherme Morelli

“São Paulo difere de outros lugares por ser heterogênea”

Urbs: Se você tivesse que fazer um mini-roteiro de um dia para um visitante que não conhece a cidade, o que indicaria?

Tuca: Visitaria primeiro o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o Museu de Arte Moderna (MAM), no Ibirapuera. No Centro, visitaria o Copan, que é a cara de São Paulo e subiria no Edifício Itália para mostrar a vista. À noite, indicaria algum bar como a Merceria São Roque ou o restaurante do Museu da Casa Brasileira.

Urbs: E você, qual lugar de São Paulo gostaria de conhecer?

Tuca: Gostaria muito de fazer um passeio de barco pelo rio Tietê.

Morador do bairro de Higienópolis, Gustavo Piqueira formou-se em arquitetura na FAUUSP em 1995, mas não chegou a exercer a profissão. Gustavo é designer gráfico, sócio-diretor da Rex Design, o estúdio de design mais premiado nas últimas três edições da Bienal Brasileira de Design Gráfico. Também é autor de seis livros, dos quais dois têm a cidade de São Paulo como protagonista: “Manual do Paulistano Moderno e Descolado” e “São Paulo, Cidade Limpa”.

Urbs: Você se formou na FAUUSP mas nunca exerceu a arquitetura. Por que?

Gustavo: Quando comprei meu primeiro apartamento, olhei meu diploma e pensei que estaria plenamente capacitado para tocar uma reforma. Foi um dos maiores erros que cometi na vida. Percebi que nunca seria um arquiteto. Quando me mudei para um outro apartamento, há dois anos, chamei um amigo arquiteto para cuidar dessa nova reforma.

Urbs: O que mais o encanta na cidade?

Gustavo: Marcel Proust tem uma frase que acredito ser bastante feliz: “Só a percepção grosseira e errônea põe tudo no objeto, quando tudo está no espírito”. Logo, o que me encanta em São Paulo não é alguma edificação, nem seu pretense cosmopolitismo. Muito menos os chavões “caldeirão cultural”, “metrópole pulsante” ou “aqui encontro todo tipo de gente e cultura”. Também fica muito distante de bairrismo ou paixão por algum hipotético “hábito paulistano”. O que me encanta em São Paulo é, para ser sincero, bem prosaico: de todas as cidades do mundo, São Paulo é a única que é minha. Minha rua fica aqui. Meu time também. Meu trabalho. Meu bairro. Minha história. São Paulo é parte do que sou.

“Gosto de São Paulo por um único e fundamental motivo: é a minha cidade”

Urbs: Qual o projeto arquitetônico que mais admira na cidade e por quê?

Gustavo: Gosto do Largo da Memória. Além da beleza arquitetônica e do contexto histórico em que foi construída, a obra de Victor Dubugras também me agrada pelo ar decadente que exhibe hoje em dia, devido a seu entorno consideravelmente degradado. Isso deve ser algum desvio de caráter ou perversão minha, sei lá.

Urbs: Se tivesse que indicar a alguém que não conhece a metrópole, qual seria o mini-roteiro de um dia?

Gustavo: Acho que pegaria um táxi. Com um taxista corintiano ou palmeirense, e que falasse sem parar. De preferência palmeirense, assim não correria o risco de brigar com ele. Poderíamos almoçar num quilo no Centro e emendar com um café no Shopping Iguatemi. Para fazer a digestão, um *tour* a pé pelo Glicério (via Minhocão, claro). Como bom cicerone, não poderia deixar de sugerir a meu acompanhante que deixasse todos seus bens de valor à vista, além de, nas grandes avenidas, esticar o braço para fora da janela e, assim, vivenciar plenamente um marco da cidade, os motoboys. Fim de tarde, hora de um clássico paulistano: congestionamento. Seguiríamos, ida e volta, pela Marginal Tietê. Para encerrar a noite alguma insuportável peça experimental de teatro na Praça Roosevelt, um jantar “fino” em algum “bistrô” com proposta “contemporânea”, seguido de um clube “descolado” com público e som “alternativos”. Não seria um dia dos mais agradáveis, mas creio que daria um belo resumo da cidade.



Foto: Edu Barcellos

GUSTAVO PIQUEIRA

Renata Falzoni formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie em 1977, atualmente é jornalista, produtora e apresentadora de programas de televisão, como o “Aventuras com Renata Falzoni” transmitido pelo canal a cabo ESPN/Brasil, além de ativista do transporte em bicicletas.

Urbs: Como foi a sua experiência como arquiteta?

Renata: Trabalhei diretamente em arquitetura de 1973 a 1978. Parte desse período como estagiária e apenas um ano como arquiteta formada. Até hoje sinto falta da “prancheta” já que nunca tive o sabor de trabalhar em um projeto com computador. Já nessa época a arquitetura envolvia a fotografia, o que direcionou a minha carreira, primeiro para o fotojornalismo, a publicidade e a seguir a mídia eletrônica, o rádio e a TV.

Urbs: O que mais a encanta na cidade?

Renata: A metrópole em si. Aqui você tem de tudo: bares, restaurantes, museus, tecnologia, comércio, serviços e até figuras raras de todo o mundo. A cidade tem seu charme e características próprias. Gosto disso em São Paulo e a cada esquina, por mais central que ela seja, há o carinho do povo nordestino, a mistura com a cultura dos imigrantes. Tudo isso dá à cidade uma personalidade especial.



Foto: Alexandre Cappi/BK Stock

Urbs: Como é a sua relação com o dia-a-dia de São Paulo, o trânsito?

Renata: Amo e odeio São Paulo. O trânsito, a poluição e a violência justificam eu querer mudar ou buscar alternativas para não ficar dependente da cidade. Uma solução para o impasse paulistano eu já adotei há 30 anos: só vou de bicicleta. Assim eu não perco tempo nem o meu humor trancada em carros, na fila do metrô ou espremida em ônibus. Só vou de bike, com isso domestiquei a cidade.

“ Domestiquei a cidade. Só vou de bike ”

Urbs: Uma cidade como São Paulo sempre tem lugares aos quais a gente nunca foi. Que lugar da cidade você gostaria de conhecer?

Renata: Gostaria de conhecer todas as galerias subterrâneas, desde as do metrô, aos túneis de serviço e todas as outras passagens subterrâneas das indústrias abandonadas como as da região da Mooca e da Lapa.

Urbs: E quais lugares você indicaria para alguém que vem de fora?

Renata: Os parques Ibirapuera, Volpi e Burle Marx são imperdíveis, assim como os arredores do Ibirapuera (o Obelisco e o Monumento às Bandeiras). O Masp, também deve ser visitado, assim como o Centro Velho a pé. Faria tudo isso de bicicleta, passando pelos Jardins em um domingo de manhã.

Urbs: E o seu local preferido de São Paulo, qual é?

Renata: Se eu fosse escolher um único lugar escolheria o Parque do Ibirapuera, por sua flora e fauna. Um oásis na cidade de São Paulo, repleto de características próprias.



Foto: Nino

Gui Boratto

Pinheiros e Vila Madalena, onde sempre que posso, faço uma “garimpada” atrás de móveis antigos.

Urbs: O que mais encanta na cidade?

Gui: A grande quantidade de excepcionais restaurantes. Sou fã da boa comida, a francesa em particular. Sempre que posso, vou a pequenos bistrôs como ICI ou Le Vin.

Urbs: Você trocaria São Paulo por outro lugar?

Gui: Acho que trocaria São Paulo por Barcelona. Mas só por um tempo. Barcelona é o tipo de cidade que possui tudo que gosto: praia, calçadas, boas lojas, alguns bons restaurantes e grandes amigos que vivem por lá. Mas acho que depois de um tempo não agüentaria e voltaria para São Paulo. Aqui tenho família, amigos e todos os outros motivos citados acima.

Urbs: Qual o projeto arquitetônico que você mais admira na cidade e por quê?

Gui: Acho que entre grandes projetos, fico com o Parque do Ibirapuera. Não só por ser um parque urbano de muita qualidade, mas também pelo seu conjunto de edificações, como a Oca, o planetário e a própria marquise. Enfim, tudo encanta, não só a mim, mas toda população paulistana. Ele cumpre muito bem sua função.

Urbs: Do ponto de vista arquitetônico, como você vê São Paulo?

“ Shopping centers me sufocam ”

Gui: São Paulo é exemplo de modernismo e brutalismo no mundo todo. Aqui você encontra obras muito significativas, de grandes arquitetos. Digo grandes arquitetos mesmo, como Villanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Rino Levi, Carlos Cascaldi, Lina Bo Bardi, Niemeyer e Décio Tozzi. Se compararmos ao Rio de Janeiro, por exemplo, claro que a principal diferença é a belíssima natureza que lá se encontra. Então, acho que aqui, a mão de Deus é substituída pela mão do homem, pela arquitetura.

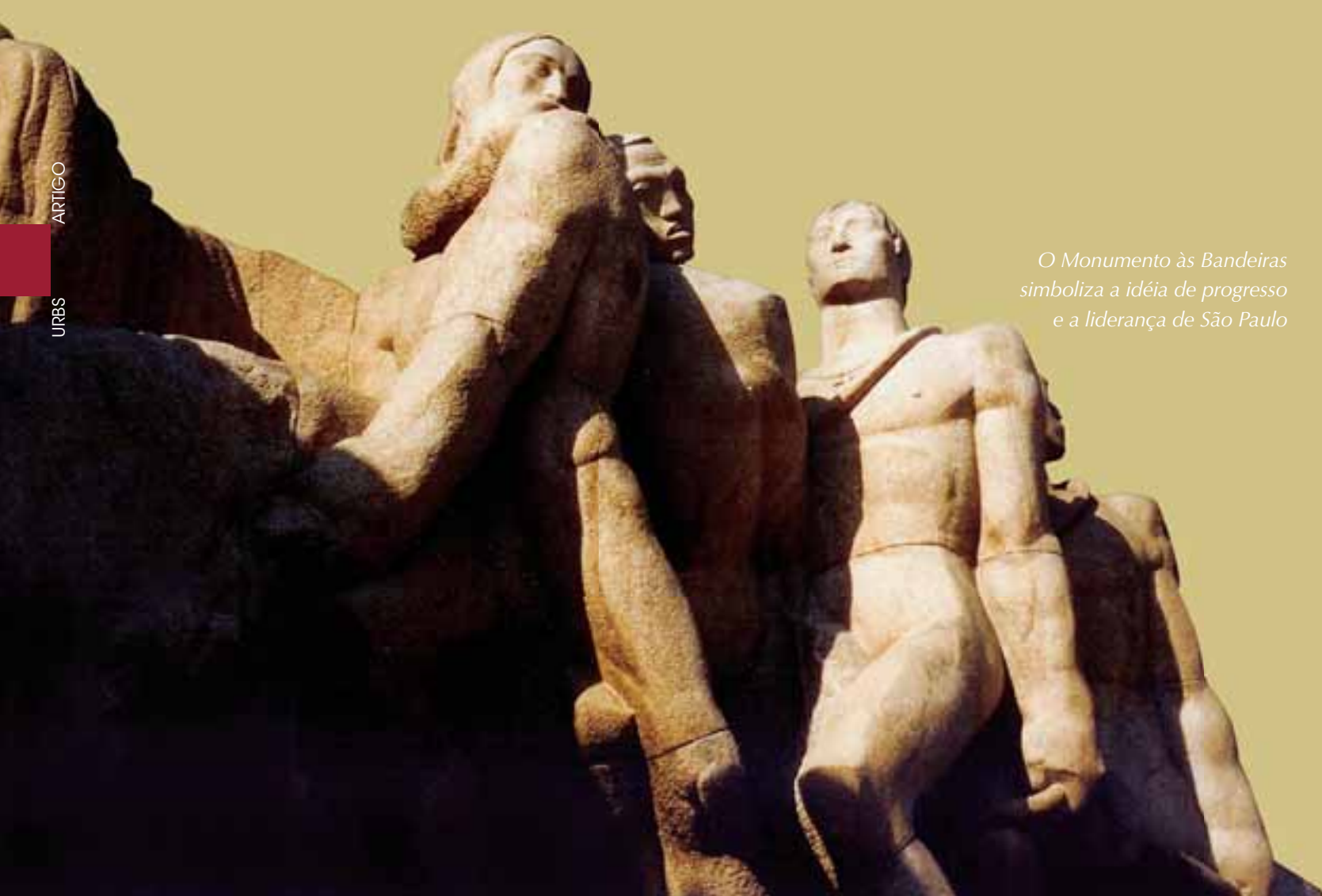
Nascido em 1974 em São Paulo, Gui Boratto é arquiteto, músico, compositor e produtor musical. Já fez música para artistas de peso como Desirré, Manu Chao e Pato Banton. Seu álbum, “Chromophobia”, lançado em 2006, foi aclamado por público e crítica consagrando-o como um dos mais atuantes DJs brasileiros em festivais e clubes no Brasil e no exterior.

Urbs: Como foi sua experiência como arquiteto?

Gui: Fiz estágio na EMURB (Empresa Municipal de Urbanização). Fiquei apenas um ano, mas foi muito interessante, já que é o setor da Prefeitura de São Paulo responsável por operações urbanas de grande porte, como a ampliação das avenidas Faria Lima e Águas Espraiadas, entre outras grandes obras. Adorei o contato com a área de urbanismo, principalmente tratando-se de uma cidade como São Paulo.

Urbs: Quais os locais que você mais gosta na cidade?

Gui: Tenho vários locais dos quais gosto bastante. Acho que, como bairro residencial, Higienópolis, onde moro, é muito agradável. Tem valor histórico, é bem arborizado e localizado numa região metropolitana bem central. Também gosto muito dos Jardins, principalmente para fazer compras. Para passear prefiro locais abertos, em *shopping centers* me sinto enclausurado. Gosto também da região de



O Monumento às Bandeiras simboliza a idéia de progresso e a liderança de São Paulo

Identidades paulistanas

A trajetória imaginária da cidade, dos bandeirantes ao coração que abraça

*Por Paulo César Garcez Marins**

A primeira idéia importante que deve ser destacada quando abordamos uma definição de identidade de qualquer grupo, seja uma comunidade urbana ou nação, é lembrarmos que entramos num campo em que afirmações categóricas ou generalizantes são sempre um risco. A noção de identidade coletiva pressupõe um nível de homogeneidade que muitas vezes não existe nas práticas sociais. É, entretanto, por meio de símbolos diversos, como hinos, uma bandeira, a língua ou elementos da gastronomia ou indumentária que surge na memória a referência mais freqüente para definirmos um grupo nacional, por exemplo. O aparelho político do Estado está quase sempre associado a estes símbolos, que se tornam oficiais na medida em que são incessantemente repetidos pela propaganda governamental e, sobretudo, pelo sistema escolar.

Nas grandes cidades contemporâneas, a questão das

identidades coletivas é igualmente problemática. O caso paulistano é muito emblemático. Composta por fluxos demográficos imensos e referências culturais vindas de diversos continentes e partes do próprio País, São Paulo é uma das mais múltiplas cidades do planeta. Haveria, então, algum traço que uniria, que identificaria seus cidadãos? Nossos símbolos, aqueles ensinados nos livros didáticos e nos monumentos da cidade, ainda nos fazem sentir irmanados? A metáfora da terra do trabalho ainda ecoa? Ou estamos cada vez mais próximos de uma convivência plural, mas em que as diferenças são incessantemente compartilhadas?

O primeiro símbolo paulistano: o bandeirante

Cronologicamente, o primeiro elemento proposto, já no Período Republicano, para identificar o caráter da cidade

e de seus cidadãos, foi a glorificação do passado bandeirante. O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e o Museu Paulista (conhecido por todos como Museu do Ipiranga) foram os principais difusores dessa interpretação, a qual baseou-se simultaneamente na produção de textos históricos e de obras de arte que celebravam os feitos dos velhos paulistanos nos séculos XVI e XVII.

As pesquisas genealógicas ganharam enorme fôlego entre 1890 e 1910, com a edição de livros que demonstravam a origem colonial dos ricos fazendeiros de café da República. As conquistas territoriais realizadas pelos sertanistas, sua busca de riquezas minerais e de índios para escravização foram tomados como sinal de identidade de São Paulo. Nesse sentido, aliás, paulistanos e paulistas se equivaliam, pois as genealogias enfatizavam a origem comum, na vila de São Paulo, dos primeiros habitantes de Jundiaí, Mogi das Cruzes, Parnaíba, Itu, Sorocaba ou Taubaté.

“Acharei o que procuro ou morrerai na empresa”. Essas palavras, inscritas no pedestal da escultura de mármore dedicada a Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera, deviam soar como uma mensagem para todos os paulistanos e paulistas que olhavam o passado em busca de um traço de identificação coletiva. Situada na frente do Parque Siqueira Campos, em plena Avenida Paulista, e inaugurada em 1924, essa escultura foi uma dentre tantas que homenagearam o passado bandeirante da cidade republicana. O passado rústico dos primeiros paulistanos tornou-se heróico e, assim, pode ser assimilado como elo das ricas elites cafeeicultoras.

A idéia de que existem paulistas que descendem de bandeirantes, os chamados “paulistas quatrocentões”, se opunha naquele momento aos milhares de imigrantes que entravam no Estado de São Paulo. Opunha-se, também, aos demais brasileiros, vistos como indolentes e parasitários da riqueza paulista.

Não sou conduzido, conduzo!

Os dizeres presentes no brasão da cidade *non ducor, duco* (“não sou conduzido, conduzo!”), criado por Guilherme de Almeida e José Washt Rodrigues em 1917, aludem à saga bandeirante pelos sertões. Foi outro, todavia, o símbolo coletivo fundamental para a cidade ao longo do século XX: a ideia de que São Paulo está à frente, cabendo aos paulistas, e acima de tudo aos paulistanos, conduzirem o País. O que leva a uma outra metáfora paulistana/paulista que hoje está um pouco esquecida: a locomotiva. São Paulo seria uma máquina puxando um trem composto por vagões vazios que representavam os outros estados ou “o



O brasão da cidade

peso morto do Brasil que São Paulo é obrigado a puxar”.

Essa imagem do presente também se ajustava às imagens do passado. Se os paulistanos/paulistas coloniais avançavam pelos sertões (tema bem representado no Monu-

mento às Bandeiras, projetado por Victor Brecheret em 1920 e inaugurado, com muitas modificações, no Parque do Ibirapuera em 1953), na era republicana era a locomotiva outra metáfora dos paulistanos e paulistas. As imensas estações ferroviárias erguidas durante a Primeira República por capitais ingleses e fazendeiros eram a evidência maior da imensa malha férrea que atravessava o estado em direção ao Oeste. A força das locomotivas simbolizava São Paulo, estado e cidade, enquanto os demais estados do País, os “vagões vazios”, seriam conduzidos pelos paulistas em direção ao progresso.

Na Primeira República, a identidade de São Paulo esteve, pois, ao mesmo tempo oposta aos imigrantes forasteiros e também aos outros brasileiros. Mas a ascensão econômica e demográfica dos estrangeiros, os rumos políticos do País após o golpe de 1930 e o crescimento econômico iriam redesenhar profundamente a imagem da cidade após o fim da Primeira República.



A bandeira de São Paulo

A Revolução de 1932 e a verticalização: entre o passado e o presente

De uma certa maneira, o aspecto de negação ao que chega de fora, sobretudo aos imigrantes, foi bastante diluído pela Revolução de 1932, pois as orgulhosas elites dirigentes paulistas estavam com seu poder combatido pela crise econômica de 1929 e pelo Regime Vargas. Durante a Revolução, houve uma necessidade de diluir as diferenças internas em prol de um combate ao “outro”, que era então, um inimigo externo ao estado de São Paulo.

A antiga negação do “outro” de “dentro” – os imigrantes – começava a ser canalizada a quem estava “fora”. Nesse sentido, o mito do bandeirante deixava de espelhar os valores de força, combate, luta por ideais exclusivos aos quatrocentões da capital e do interior, e em seu lugar ascendia um ideal coletivo mais abrangente, em que cabiam todos: os velhos

paulistas, os de origem negra (sempre opacos na história oficial) e, sobretudo, os imigrantes, que já eram milhares nesse momento na capital e em todo o estado. Todos deviam estar cimentados contra o regime de Vargas.



A imagem do bandeirante deixa de espelhar os valores de luta e combate

Fotos: Ivan Cruz

Foi também nos anos 1930 que começou a se definir um outro discurso identitário, que foi opondo lentamente a capital e o interior. O crescimento econômico da cidade, especialmente industrial, da Primeira República foi alavancado pelas dificuldades de importação pós- crise e também durante a Guerra. Com estes capitais disponíveis, a cidade crescia também para as alturas. Os arranha-céus, como o Sampaio Moreira (inaugurado em 1924) e o Martinelli (1929) iniciaram a verticalização referenciada na imagem da metrópole norte-americana, dando um aspecto singular à paisagem urbana em relação a qualquer cidade do interior.

Os edifícios sede da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (1933), do Banco de São Paulo (1936), do Mappin (1939) e do Banespa (1947) reforçaram a imagem de uma cidade que crescia vertiginosamente. Além disso, os altos índices de crescimento demográfico levaram São Paulo a ser a primeira cidade do País em população, ultrapassando o Rio de Janeiro em 1954.

Naquele ano celebrava-se o Quarto Centenário, o qual constituiu um momento importante para compreender esse *ethos* paulistano, que é o discurso do progresso e do futuro.

A cidade do trabalho

No ano do Quarto Centenário, Oscar Niemeyer e sua equipe inauguraram um conjunto de pavilhões encomendado pelas autoridades para abrigar a exposição comemorativa. Não há nenhuma alusão ao passado naqueles pavilhões e nem na simbologia daquele projeto monumental. O maior símbolo do conjunto de pavilhões era justamente um marco: uma espiral que sobe como uma força para o futuro, uma alegoria que representa o progresso, ou seja, é o futuro



Cartaz da Revolução de 1932 convocava os paulistanos, enaltecendo o seu orgulho

que estava definindo este *ethos* coletivo de São Paulo.

A ideia de modernização era o sentido principal das comemorações oficiais e generalizou-se ainda mais a imagem de que São Paulo estava à frente do resto do País e de seu próprio estado. Era “a cidade que nunca pára”, “que nunca dorme”, “a cidade que não pode parar”. São expressões que embora hoje não tenham mais muita força, pelo desgaste óbvio gerado pelo crescimento desordenado, tiveram imensa repercussão nas mentes paulistas até pelo menos a década de 1980, em

que a cidade era celebrada como lugar da modernidade, da conquista, da riqueza em contraposição ao resto do País.



Fotos: Ivan Cruz

Celebrações do Quarto Centenário de São Paulo simbolizavam o discurso do “progresso e do futuro”. (Homenagem do Distrito Federal à cidade, exposta no Museu Paulista)

A partir da década de 1960, os símbolos do passado, como os bandeirantes, declinaram em importância, pois o discurso do progresso e do trabalho cimentaram a ideia de uma identidade paulistana. Em meio às levas sucessivas de migrantes vindos dos estados do Nordeste, esses símbolos eram compartilháveis por qualquer “indivíduo trabalhador”, e que poderia se tornar, portanto, um paulistano.

Identidade paulistana ou identidades paulistanas?

Nos 450 anos de São Paulo, o símbolo escolhido pela prefeitura municipal – um coração – aludia ao amor à cidade dedicado por seus habitantes. Não havia mais referências a mitos de origem vindos do passado colonial, às restrições étnicas que excluía grupos em favor de outros, nem mesmo uma crença cega no progresso galopante, que antes fascinara grande parte das autoridades e cidadãos, e que degradara profundamente a cidade.

A marca da multiplicidade impôs-se claramente nos discursos e práticas identitárias da cidade. Se, como vimos no início deste texto, a definição de identidades é sempre algo arriscado e quase sempre permeado por exclusões, a cidade de São Paulo é hoje uma evidente demonstração da pouca possibilidade de compreendê-la – e identificá-la – a partir de simplificações.

Mais do que a simples convivência de grupos sociais, étnicos ou religiosos – que poderiam levar a guetos tão comuns nas cidades norte-americanas–



O símbolo comemorativo dos 450 anos aludia ao amor dedicado à cidade por seus habitantes

existe aqui uma certa porosidade em relação a presenças externas. O compartilhamento é cada vez mais uma tônica da cidade, marcada por identidades que se refazem a todo tempo, numa prática bem anterior aos circuitos atuais de globalização de referências ou práticas culturais. As levas sucessivas de populações forasteiras que se instalaram na cidade, sempre muito maiores do que as populações então residentes, podem ter sido a base para esta plasticidade cultural.

Por certo, bairros como o Bom Retiro mostram que esta convivência é imensa (italianos, judeus, armênios, gregos, coreanos ainda se acomodam no mesmo bairro), mas nem sempre é tão acolhedora, como demonstram as inúmeras denúncias de exploração de mão-de-obra boliviana por confecções locais. Dados censitários mostram que as periferias ainda são mais negras e nordestinas, indicando caminhos de segregação que, baseados sobretudo em critérios econômicos, não escapam muitas vezes do viés racial.

O amor à cidade é certamente um desafoço imaginário a uma urbe tão violenta e violentada. Mas as possibilidades efetivas de fazer parte dela, de construí-la e reelaborá-la continuamente constituem mesmo um horizonte caloroso. A tolerância e o interesse pelo outro talvez sejam seus legados mais positivos neste século XXI.

* **Paulo César Garcez Marins** é historiador, doutor em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo e docente do Museu Paulista da USP (Museu do Ipiranga).

A formação do paulistanês

Influenciada tanto pelas diversas colônias européias, quanto pelas migrações do interior do Estado e de outras regiões do País, São Paulo constituiu um linguajar específico, caracterizado pela mistura de todas essas culturas



De acordo com a vasta literatura de que dispomos (desde a época dos jesuítas, com relatos do Padre Manoel da Nóbrega, aos estudiosos do nosso tempo, como Sérgio Buarque de Holanda), nos primórdios da colonização do Brasil, a língua portuguesa era falada exclusivamente nas áreas canavieiras baiana e pernambucana. Já na cidade de São Paulo, o tupi se manteve até o século XVIII, cedendo lugar na cidade à língua portuguesa e, nas áreas rurais, ao dialeto caipira.

Já entre o século seguinte e as primeiras décadas do século XX, o estabelecimento da “nova língua” no Brasil, e em particular na cidade de São Paulo, foi influenciado por dois tipos diferentes de imigração portuguesa: uma popular e outra elitista. É o que explica a professora do curso de Letras da Universidade de São Paulo, Maria Célia Pereira Lima Hernandes, em seu estudo “Tópicos de História Social do Português de São Paulo”: “O primeiro movimento privilegiou o contingente masculino, em geral analfabeto, que se instalou primeiramente nas cidades em conformidade com o programa da Câmara de Comércio de Portugal que visava à comercialização dos produtos portugueses no Brasil ao envio de divisas para a metrópole”.

“O segundo movimento era composto de núcleos familiares, que cresceu devido ao aumento da presença feminina

portuguesa, passando de um oitavo para 32,6%. E seus membros pertenciam à chamada elite intelectual, que abrangia os profissionais liberais (advogados, médicos, professores, jornalistas) e também industriais e banqueiros”, complementa Maria Célia. Esse segundo movimento aconteceu na década de 1920, no período em que as idéias nacionalistas do movimento modernista ferviam e se opunham à elite portuguesa recém-chegada ao Brasil.

A imigração ocorrida no século XIX contribuiu muito para a formação da variedade popular do português paulista na medida que o elemento português era absorvido em diferentes modalidades de trabalho, entre os quais o comércio, incorporando-se a sociedade paulista, graças à Lei de Naturalização, que foi promulgada após a proclamação da República. Já o processo imigratório elitista das primeiras décadas do século passado iniciava a formação de uma norma lingüística que se consolidou na prática dos bancos escolares e nos livros didáticos.

No século XX, já havia um contexto de ebulição sócio-cultural, devido ao efeito das mudanças sociais e políticas que aconteciam na época. Isso impulsionou São Paulo a iniciar a criação de instituições culturais e de ensino que, com o passar do tempo, deixavam de privilegiar o Português de Portugal para dar lugar ao português falado na cidade.

É importante lembrar que a partir dos anos 1930, quando a imigração européia em massa cedeu terreno, a demanda por força de trabalho – que cada vez mais exigia braços para o desenvolvimento industrial – passou a ser suprida pelas migrações internas que chegavam do Nordeste do País e de Minas Gerais. E aí temos novamente a presença do imigrante influenciando na linguagem local.

O atual “paulistanês”

Um dos primeiros pontos a respeito da atual linguagem falada em São Paulo é que o paulistano acha que não tem sotaque. “De todos os brasileiros é o que mais pensa dessa forma e só acabamos notando quando alguém de outra região faz essa observação”, aponta Luiz Antônio da Silva, professor de “Conversação” e “Língua Falada”, entre outras disciplinas, do curso de Letras da Universidade de São Paulo.

E por que o paulistano acredita não ter sotaque? “A razão mais relevante é, com certeza, pelo fato das enormes dimensões de São Paulo, a maior metrópole do Brasil. Em consequência de termos tantas culturas e diferentes povos concentrados aqui, nos expressemos por uma linguagem que não é tão marcada quanto outras. Essa diversidade de culturas mascara o sotaque paulistano”, explica Luiz.

Ainda com relação ao sotaque mascarado, hoje em dia, os nordestinos que moram em São Paulo procuram manter o seu sotaque, enquanto há alguns anos, na década de 1970 mais ou menos, esse comportamento era bem diferente, o que acontecia muito pela questão do *status*. Havia até um certo preconceito com o nordestino. Por este motivo, ao chegar na cidade, muitos emigrantes tinham a tendência de perder seu sotaque, incorporando esse linguajar propriamente paulistano.

Além da forte influência de outras regiões, é evidente que temos também a que vem do interior do Estado de São Paulo. “Em um dos cursos que leciono, utilizo as letras de Adoniran Barbosa para exemplificar a influência tanto do típico linguajar do interior quanto da imigração italiana”, conta Luiz Antônio. “Essa mistura pode ser explicada através da história da imigração na cidade, já que quando o imigrante, principalmente o italiano, veio trabalhar na terra, ele chegou para trabalhar primeiro no interior e depois migrou para a capital trazendo essa influência, especialmente a questão do *erre*, que cientificamente chamamos de ‘r retroflexo’, o poRRRta”, complementa. O linguajar com forte influência italiana que ainda hoje se nota em bairros como Mooca, Bixiga, Brás e Barra Funda, é fruto da vinda dos imigrantes italianos do interior para estas regiões da capital.

Luiz Antônio também destaca como uma característica particular do paulistanês a ausência do plural na linguagem

Foto: Ulisses Barbosa



Luiz Antônio: “De todos os brasileiros, o paulistano é o que mais acredita não ter sotaque”

falada principalmente na periferia da cidade. “É muito comum ouvir ‘dez real’ ou ‘dois pastel’, o plural está concentrado apenas no numeral, não flexionando o substantivo”.

Quanto às gírias, poderíamos citar inúmeras delas, mas talvez a que mais simbolize o linguajar da cidade em todas as classes e faixa etárias é o uso do “meu”. “Muito comum em São Paulo, você vê, por exemplo, duas mulheres conversando e as duas se tratando por ‘meu’, que deixa de ser um pronome possessivo, e passa a ser uma expressão marcada, assim como acontece no espanhol, o ‘*hombre*’, é uma marca da linguagem”, explica o professor.

Em termos de entonação, há a questão da velocidade, é um ritmo mais acentuado. Se compararmos a linguagem do paulistano com a do gaúcho, este último é mais musical, mais cantado – e nisso há também uma certa identidade com o interior de São Paulo – enquanto o paulistanês é mais direto e muito mais rápido.

Como acontece em todas as comunidades, a linguagem é uma das características que mais marca e identifica uma região tornando-se específica do local, caracterizando-o e espelhando sua formação social e cultural. Em São Paulo, o que podemos avaliar depois de séculos de imigrações é que constituímos uma linguagem diferenciada que não é caracterizada pela entonação italiana, pelo acento caipira ou pela rapidez da fala nordestina, mas sim uma mistura certas características de todas essas e muitas outras comunidades.

Construção e influências do paulistanês





A cozinha dos

imigrantes

Este trabalho é parte da exposição/livro “Povos de São Paulo”, coordenado pelo fotógrafo Iatã Cannabrava, projeto criado por ocasião dos 450 anos de São Paulo. Dos 700 portfólios recebidos, 129 participantes foram selecionados. Entre eles, o ensaio fotográfico coordenado por Eduardo Muylaert que destaca a influência dos imigrantes na memória culinária dos paulistanos. Restaurantes, casas, personagens, aromas, cores e formas representam um pouco do oriente e do ocidente, da tradição e da modernidade presentes nos atos de cozinhar e de comer do paulistano.

Bar e restaurante Panela Preta

Os proprietários do Panela Preta, Antonio e Alberto, são portugueses e chegaram ao Brasil sem nenhuma intenção de continuar a tradição da cozinha portuguesa. Hoje, seu restaurante serve Virado à Paulista e Feijoada.

Foto: Daniel Ducci

Os franceses na cozinha

Eric Schaefer, francês natural de Nancy, desembarcou em São Paulo para casar-se com Daniela, brasileira, neta de italianos e portugueses. Com a filha Alice, o casal prepara um Tartiflette: um prato de batatas com bacon, cebolas, queijo e pimenta, típico da região de Nancy.

Foto: Francisco Pinto



Da Alemanha para a Cidade Dutra

O alemão Diethelm Maidlinger veio para o Brasil em 1965 para trabalhar na fábrica da antiga Olivetti, que fechou e ele acabou ficando sem emprego. Foi aí que abriu o seu restaurante, o Bierquelle. Localizado na Cidade Dutra, o seu estabelecimento possui vários prêmios da culinária, entre eles o da Revista Quatro Rodas, que recebeu por vários anos consecutivos.

Foto: Magali Preto



A casa judaica

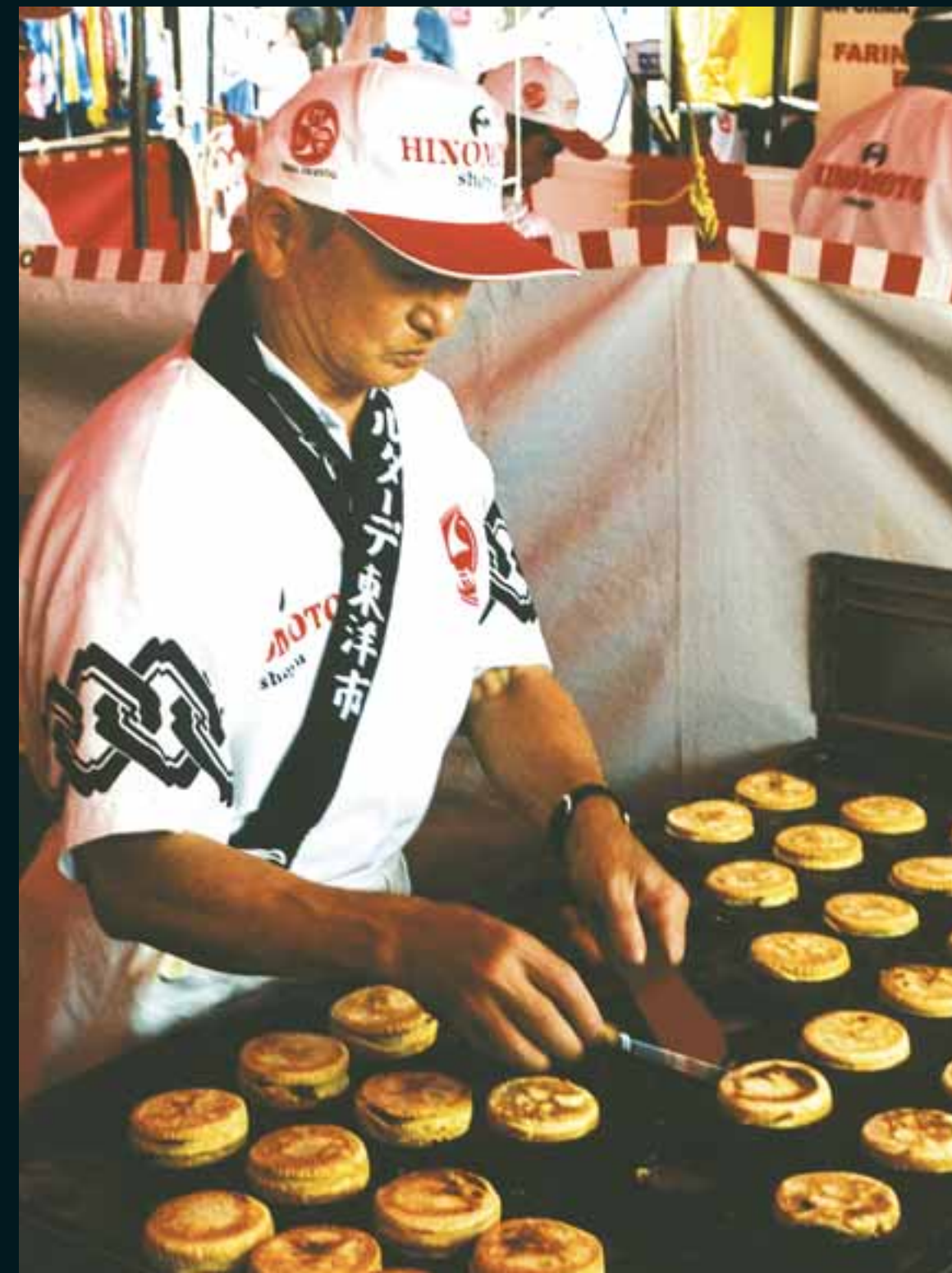
O Shabbat (dia do descanso judaico) na casa de Luiz Oliveira, bisneto de judeus vindos da Holanda. No judaísmo, os hábitos alimentares têm um significado religioso e a preparação da comida é um ritual. Os ingredientes utilizados nas receitas são escolhidos por seu simbolismo, a fim de representarem os fatos sagrados da história do povo judeu. A preparação e o consumo são acompanhados de orações especiais para a ocasião.

Foto: Isabela Kauffmann

Mercado da Liberdade

Walter Tanigeki, filho de japoneses, prepara o dorayaki, um doce típico recheado com o feijão azuki. Em sua casa, as refeições diárias são compostas de arroz, feijão e bife.

Foto: Fernanda Prado





É uma cozinha portuguesa, com certeza

Felicidade C. Bastos, portuguesa de Cunha da Beira Alta, chegou ao Brasil em 1934, com nove anos. Casou-se mais tarde com o padeiro Manuel e abriram uma confeitaria no bairro do Sumarezinho. A família cresceu, tiveram cinco filhos e o empreendimento gastronômico deles alcançou sucesso. Hoje, Dona Felicidade comanda, junto de seus filhos, o Restaurante Dona Felicidade, na região da Pompéia.

Foto: Magali Medina

Graduação Executiva Anhembi Morumbi.

Agregando mais valor à sua vida.

Pessoas que pensam no futuro têm algo em comum.

Assim como os alunos da **Graduação Executiva** já sabem, manter-se bem preparado é o segredo para alavancar a sua carreira. Por isso, matricule-se hoje na **Graduação Executiva Anhembi Morumbi**. Desenvolvidos para quem tem mais de 25 anos, os cursos são ministrados por professores que ocupam posições de destaque em suas respectivas áreas de atuação.

Cursos nas áreas de Administração, Ciências Contábeis e Marketing.

E você ainda conta com muitas vantagens:

- Flexibilidade de horários
- Aproveitamento de créditos de outros cursos
- Diversas opções de campi
- Aproveitamento de experiência profissional
- Possibilidade de conciliar trabalho e estudo



Mundialmente criativa e inovadora
Laureate International Universities®

Conquiste de vez seu diploma de Bacharel.

Inscrições abertas: www.anhembi.br | 0800 015 9020 | 3292-1621 | 3847-3053



Mariana Fiorini, Jackson Francisco Alves, Marcos Viana e Renata Tesser, alunos da Graduação Executiva Anhembi Morumbi.

Cantando a cidade: São Paulo e Adoniran Barbosa

Por Maria Izilda Santos de Matos*



A intensificação da urbanização caracterizou São Paulo nos anos de 1940, 50 e 60. As intervenções urbanas de Fábio Prado (1935-38) e Prestes Maia (1938-45) remodelaram a cidade através do Plano Avenidas, assentado nos princípios do rodoviarismo, verticalização e centralização. O ritmo da modernidade contaminava a cidade, transformando-a em um território repleto de automóveis, ônibus, caminhões, buzinas, sons e odores; o ritmo acelerado dos transeuntes, o café no balcão, a falta de tempo, os novos magazines e os modernos edifícios cada vez mais altos.

A intensa especulação imobiliária levava ao crescimento das construções urbanas e ao fluxo de migrantes do Nordeste e do interior do Estado, que ajudaram a erguer a cidade, contribuindo para formação de um mosaico étnico com várias tradições, sonoridades e sotaques, num processo marcado por contrastes, ambigüidades e incorporações desiguais.

Nesta São Paulo que se transformava incessantemente, Adoniran Barbosa era um observador atento que captava os *flashes* desse cotidiano, as experiências de muitos que viviam este processo, nos cortiços, malocas e nos bairros como Brás, Bixiga, Barra Funda, Casa Verde. Para ele, observar a cidade implicava o exercício de caminhar a pé (de dia e de noite), aproximar-se, conversar, ouvir, atentar para as entonações, sintaxes, sonoridades, sotaque ítalo-paulistano-caipira e também se distanciar, buscar a inspiração, concretizada nas composições.

A voz de São Paulo

Adoniran Barbosa nasceu João Rubinato, em 6 de agosto de 1910, em Valinhos (SP). Era filho de imigrantes italianos e começou a trabalhar com o pai na São Paulo Railway, ainda menino. Vindo para São Paulo, exerceu várias atividades para ganhar a vida, mas passou a se interessar cada vez mais pelo rádio. Com muita persistência, em 1933, conseguiu seu primeiro contrato como cantor e locutor. Desta época, datam seus primeiros sambas: “Minha vida se consome” e “Teu orgulho acabou”.

As décadas de 40 e 50 são conhecidas como a “era de ouro do rádio” no País, a expansão do veículo se deveu à sua agilidade e ao barateamento progressivo do aparelho. As emissoras expandiram-se informando, divertindo e emocionando as pessoas, por meio dos jornais, novelas, programas esportivos, musicais e humorísticos.

Nestes tempos, na trajetória de Adoniran mereceram destaque as atividades como rádio-ator humorístico. Seus tipos eram inspirados em pessoas comuns, falas e entonações presentes da cidade. O maior sucesso foi obtido no programa *Histórias das Malocas* (1955/67), com destaque para Charutinho, o malandro malsucedido do Morro do Piolho. Os textos eram de Oswaldo Moles, mas os elementos de oralidade, as entonações e o timbre eram criações do ator.

A fusão do humor e da música atingiu a maturidade nos anos 50, com os sucessos nas vozes dos Demônios da Garoa: “Malvina” (1951), “Saudosa Maloca” (1951), “Joga a Chave” (1953), “Samba do Arnesto” e “As Mariposas” (1955). Seguiram-se outras composições: “Segura o Apito” e “Aqui Gerarda”, mas foi em 1964 que ocorreu o estouro com “Trem das Onze”.

O momento de maior sucesso do ator e compositor coincidiu com a efervescência do crescimento urbano-industrial de São Paulo. No programa *Histórias das Malocas* e nas composições, Adoniran mostrava uma sintonia com a cidade e seus personagens, reproduzindo a síntese de sotaques, entonações peculiares, linguagens e sonoridades urbanas.





Saudosa Maloca

Se o sinhô não tá lembrado
 Dá licença de contá
 Que aqui onde agora está
 Esse edifício arto,
 Era uma casa véia
 Um palacete assobradado.
 Foi aqui seu moço,
 Que eu, Matogrosso e Joca
 Construímos nossa maloca,
 Mas um dia nós nem pode se alembrá
 Veio os home co'as ferramenta
 O dono mandô derrubá
 Peguemo todas nossas coisas
 e fumos pro meio da rua
 preciá a demolição
 Que tristeza que nós sentia
 Cada tábuá que caía, duía no coração...
 Matogrosso quis gritá,
 mas em cima
 eu falei:
 "Os home tá co'a razão nós arranja
 outro lugá."
 Só se cunformemos quando Joca falou:
 "Deus dá o frio conforme o cubertô."
 E hoje nós pega a páia nas grama do jardim
 E pra esquece nós cantemos assim:
 Saudosa Maloca, maloca querida
 Dindim donde nós passemos
 Os dias feliz de nossas vidas.

Territórios sonoros

A cidade de Adoniran encontra-se atravessada pelos pressupostos da disciplina e da cidadania, passando a ser reconhecida como espaço de tensões. Em canções como "Saudosa Maloca", "Abrigo de Vagabundo" e "O Despejo da Favela" aparecem as questões do cotidiano, particularmente a moradia como foco de tensão (veja box à esquerda).

Expressando inconformismo, acomodação e resistência, envolvido num discurso de denúncia, ingênuo, mas pleno de sensibilidade, o compositor chama a atenção para que se observe o edifício "arto" e, em torno dele, relembra o acontecimento: a expulsão do narrador, juntamente com os companheiros Matogrosso e Joca.

A expulsão empreendida pelos "home co'as ferramenta", segue-se à demolição que permitia a emergência do novo excludente. Matogrosso "quis gritá", mas foi acomodado ("nóis arranja otro lugá"), apesar de o inconformismo se manter ainda por um tempo ("só se conformemo/quando o Joca falou/Deus dá o frio conforme o cobertô"). O que poderia parecer conformismo encontra-se pleno de denúncia que surge no ato de rememorar os dias felizes passados na maloca querida.

No programa Histórias das Malocas e nas canções destacava o caráter comunitário do viver-em-maloca, um lugar provisório, improvisado, vulnerável às adversidades e à escassez. A maloca, embora precária, era representada como espaço de refúgio e solidariedade: "Minha maloca/ A mais linda desse mundo/ Ofereço aos Vagabundos/ Que não têm onde dormir" (Abrigo de Vagabundo, 1958).

Em "Conselho de Mulher" de 1953 (veja a letra no box da próxima página), Adoniran mostrava outros aspectos da cidade reconhecida como "terra do trabalho".

A crítica não se apresenta ao trabalho em si, mas ao caráter que este assume como árduo e explorado na sociedade industrial. Inicialmente, a canção parece enaltecer o progresso e o trabalho, em oposição à boemia, mas a inversão emerge com o breque, que possibilita a inversão do sentido através do humor, rompendo a melodia na entrada da frase "mas Deus não qué...".

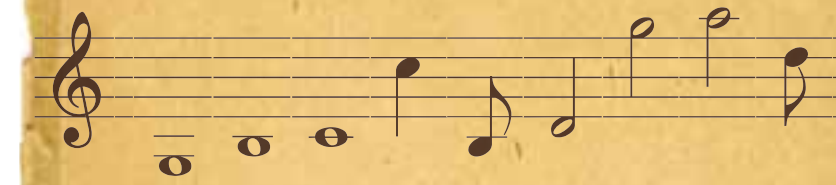
Adoniran conseguiu captar as transformações urbanas, o crescimento propalado contrastando com a situação de degradação de certos habitantes. As menções à cidade são constantes: a "Saudosa Maloca" poderia estar localizada na Rua Aurora, Guaianazes e imediações; o Arnesto morava no Brás; um samba tinha como território o Bixiga, outro focalizava o viaduto Santa Ifigênia; e o trem partia para o Jaçanã. As estratégias mais freqüentes de Adoniran se faziam através do humor, assim sua experiência como humorista impregnou a vivência como compositor, destacando-se "Luz da Light", "As Mariposas", "Samba do Arnesto", "Casamento do Moacir", "Por Onde Andará Maria" e "Trem das Onze". Suas habilidades se aprimoraram em contar os casos do cotidiano (despejos, abandono, atropelamento, demolição, desamor, desemprego) através de paródias bem elaboradas, de uma estrutura verbo-musical marcada pela tristeza das letras contrastando com a dimensão alegre e contagiante da melodia.

A fala errada era intencional bem como a linguagem acaipirada e italianada. Também pode se observar as marcas da trajetória do compositor como humorista, assim como toda dinâmica da circularidade cultural urbana, com a forte presença das sonoridades dos italianos, seus descendentes e dos migrantes.

Cabe destacar que a produção artística não é portadora de apenas uma significação – a que o compositor quis lhe imprimir –, mas de múltiplas significações que foram acumuladas nos usos e leituras impostas pelos vários receptores.

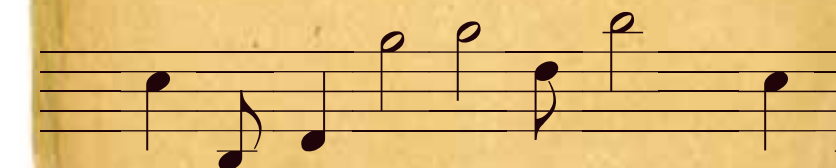
Nos anos finais da vida, Adoniran não abandonou sua peregrinação diária: o restaurante Parreirinha (reduto de sambistas), o La Barca (um bar da General Jardim) e a passagem no Estúdio Eldorado, um pouco mais cedo, como uma boemia vespertina. Morreu em 23 de novembro de 1982, deixando a inesquecível imagem caracterizada pelo olhar inquieto, a gravata borboleta, o paletó e o chapéu. Como destaca Antonio Cândido "ele é a voz da cidade", em suas músicas capturou e perpetuou a memória afetiva dos territórios urbanos e personagens da São Paulo de outros tempos.

* **Maria Izilda Santos de Matos** é professora da PUC-SP e da Universidade Mackenzie. Entre suas obras se destacam: *Cotidiano e Cultura, EDUSC*; *A cidade a noite e o cronista: São Paulo de Adoniran Barbosa, EDUSC*.



Conselho de mulher

"Quando Deus fez o homem
 Quis fazer um vagolinho
 que nunca tinha fome
 E que tinha no destino
 Nunca pegar no batente
 E viver folgadamente
 O homem era feliz enquanto
 Deus ansim quis
 Mas depois pegou Adão
 Tirou uma costela e fez a mulher
 Desde então o homem trabalha pr'ela
 Vai daí, o homem reza todo dia uma oração:
 'Se quiser tirar uma coisa de bão, que me
 tire o trabalho, a mulher não'
 Progréssio, Progréssio
 Eu sempre escuetei falá
 Que o progréssio vem do traibaio
 Então amanhã cedo nós vai traibaíá
 Quanto tempo nós perdeu na boemia
 sambando noite e dia
 Cortando uma rama sem parar
 Agora escuitando os conseio
 da mulhé amanhã vou trabalhar,
 Se Deus quiser
 (breque)
 Mas Deus não qué".



À moda paulistana

O cinema e o parque aos domingos, as compras aos sábados, o *happy hour* na quarta-feira, a santa pizza do fim de semana, a balada a qualquer dia.

Os hábitos paulistanos espelham o que de melhor a maior cidade do País oferece



Foto: Ulisses Barbosa

A cidade que não dorme: festa para todos os gostos, sete dias por semana

Conhecida como a cidade do trabalho, a metrópole que não pára, São Paulo está 24 horas em permanente ebulição. Seus habitantes idem. Um olhar de fora, talvez não enxergue que por trás de tanto trabalho, filas, trânsito e poluição a cidade proporciona também muitas coisas boas aos seus habitantes.

O cosmopolitismo, o medo da violência, a velocidade do maior pólo de negócios do País. Características de uma grande metrópole acabam levando seus moradores a criarem hábitos próprios, seja na hora do lazer do final de semana,

seja nos momentos de fugir do trânsito com aquela “estica-dinha” para o *happy hour* no bar mais próximo do escritório ou na hora de fazer compras em um *shopping center*, distante da violência e com o conforto do ar condicionado.

O paraíso do consumo

São Paulo é a cidade de maior poder aquisitivo do Brasil: aqui estão concentrados 15% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. De cada US\$ 100 dólares de riqueza gerada no País, mais de US\$ 10 são produzidos aqui. A renda *per capita*

da cidade está 70% acima da dos brasileiros em geral. Assim, o poder aquisitivo do paulistano permite alimentar um de seus grandes prazeres: as compras.

Aqui encontramos produtos provenientes do mundo todo e opções para todos os gostos. Nas lojas populares da região da Rua 25 de Março e do bairro do Bom Retiro, nos 66 *shopping centers* espalhados pela cidade ou nas luxuosas grifes da Oscar Freire, encontra-se de tudo.

De acordo com dados da pesquisa realizada pela Secretaria de Turismo de São Paulo no ano passado, só na região da

Rua 25 de Março, 500 mil pessoas transitam diariamente, sendo que, destas, 100 mil não residem na capital, dado que também comprova a vocação da cidade de pólo comercial e turístico. A mesma pesquisa mostrou que o turismo de compras é tão lucrativo quanto tradicionais eventos da cidade. Um turista que visita São Paulo por cinco dias gasta uma média de R\$ 1.625, quantia próxima ao que gasta um fã de corridas de automóveis durante o Grande Prêmio de Fórmula 1 (gasto médio de R\$ 1.844 por três dias) ou os foliões que se divertem dos desfiles de escolas de samba no carnaval paulistano (R\$ 1.766 em sete dias).



Foto: Daniel Crescente

Região da Rua 25 de Março: um dos maiores pólos comerciais da cidade



Foto: Ulisses Barbosa

Ibirapuera: um dos 32 parques municipais que oferecem refúgio dentro da cidade



Foto: Ulisses Barbosa

Pizza, uma verdadeira instituição paulistana: um milhão de unidades consumidas por dia

Artigos de luxo não faltam. Um bom exemplo é a Tiffany e Co. A lendária joalheria americana imortalizada pela atriz Audrey Hepburn no filme Bonequinha de Luxo, possui apenas duas filiais na América Latina, ambas na capital paulista. “São Paulo é a mais importante cidade da América do Sul, com uma clientela sofisticada e uma grande demanda por artigos de luxo”, disse James Quinn, Vice-Presidente da Tiffany & Co. a propósito da inauguração da segunda loja, localizada na Rua Haddock Lobo, no coração dos Jardins. Para se adaptar ao mercado brasileiro, a grife fez pequenas concessões. Só as filiais de São Paulo, por exemplo, têm mesas e cadeiras para receber os compradores mais exigentes. Nas 151 lojas espalhadas por dezessete países os clientes são atendidos no balcão.

E o hábito do paulistano de comprar em *shopping centers* parece não ser tão arraigado como se imagina. De acordo com a pesquisa My Shopping realizada em 2002 pela To-

ledo & Associados, que mostra preferências e hábitos dos consumidores que freqüentam *shopping centers* e compara os dados com os dos consumidores que fazem suas compras em lojas de rua, a maior parte do total de R\$ 1,71 bilhão previsto para ser gasto nas compras daquele Natal, foi realmente usada em lojas de *shopping centers*.

Mas a disputa é equilibrada. Segundo o diretor-geral da Toledo & Associados, Francisco José Toledo, a pesquisa deixa claro que as lojas de rua disputam, em condições de igualdade, a preferência dos consumidores. “As pessoas vão aos *shoppings* mais próximos de suas casas ou do trabalho, mas isso não significa que o *shopping* mais freqüentado é o que mais vende. O preço também pesa, daí a grande quantidade de pessoas que preferem comprar em lojas de rua”, afirma Francisco José Toledo. Isso fica evidente nas respostas à pergunta sobre onde costumam comprar as roupas da família: 55% dos entrevistados responderam loja de *shopping center* e 52% loja de rua.

Para todos os paladares

Reconhecida há cinco anos internacionalmente como a maior e mais diversificada capital gastronômica mundial, São Paulo conquistou esse título com muito mérito. Os amantes da boa mesa encontram aqui aproximadamente 12.500 restaurantes, representando 42 etnias.

O “aqui se encontra de tudo” se aplica mais uma vez. Em busca de um dos restaurantes melhores no mundo? Encontramos o D.O.M., do chef Alex Atala, eleito pela revista britânica “Restaurant” como um dos “Top 50” do planeta.

Para os que preferem um ambiente mais descontraído, mas com muito sabor, também não faltam lugares. Tradicionais opções estão pela cidade toda. Seja no farto sanduíche de mortadela do Mercado Municipal, nos petiscos consagrados do Frangó ou o tradicional pastel encontrado em qualquer feira de rua.

E por falar em tradição não podemos esquecer da pizza. Se os italianos a criaram, foram os paulistanos que a tornaram uma instituição. De acordo com a Abresi (Associação Brasileira de Gastronomia, Hospedagem e Turismo) são consumidas 720 pizzas por minuto em São Paulo, mais de 1 milhão por dia. Uma verdadeira paixão paulistana.

Indo agora para o Oriente, encontramos na cozinha japonesa um verdadeiro milagre. Essa culinária que chegou por essas terras na mesma época que a italiana, ganhou nos últimos 15 anos o status de comida do dia-a-dia do paulistano. Saiu do bairro da Liberdade e ganhou as ruas dos mais badalados bairros. Os números comprovam: são consumidos 278 sushis por minuto, 400 mil por dia.

Conhecida no século XIX como a capital brasileira do café, a cidade mantém a tradição. Mas a novidade no novo milênio na capital são os cafés *gourmets* (grãos especiais). Mesmo mais caros – uma xícara de café especial pode chegar a custar R\$ 9, em comparação aos R\$ 2 do expresso comum –, o aumento de consumo é fato. Hoje este tipo de café representa 3% do total de cafés vendidos (um milhão de sacas), mas o consumo cresce mais de 20% ao ano.

São Paulo é a cidade que hoje tem o cheiro do café de qualidade pairando no ar. Não importa a rua nem o bairro, existe sempre uma cafeteria exalando o perfume de um café de qualidade. Só no bairro dos Jardins, foram inauguradas no último ano pelo menos dez novas cafeterias destinadas ao consumo dos cafés *gourmets*. Alguns bons estabelecimentos onde encontra-se este tipo de café são o Suplicy, Il Barista, Santo Grão, Crystallo, Oscar Café e Dulca. Porém o crescimento agora começa a atingir outros bairros, como o Centro, onde antigamente se concentravam os melhores cafés. Ali ressurgem charmosos espaços como o Café da Pinacoteca, localizado no belíssimo jardim da Luz e o Café do Pátio, no Pátio do Colégio.

Gastronomia em números

Números de restaurantes*	12,5 mil
Tipos de cozinhas*	52
Churrascarias**	500
Restaurantes japoneses**	250
Padarias**	3,2 mil
Pãezinhos consumidos**	
Por minuto	7,2 mil
Por dia	10,4 milhões
Pizzas consumidas**	
Por minuto	720
Por dia	1 milhão
Sushis consumidos**	
Por minuto	278
Por dia	400 mil

(Fonte: *Abresi, **Abresi, Abrasel e SP Turis)

A cidade que não dorme

Com o trânsito tornando-se cada vez mais caótico, o paulistano encontrou uma solução para driblar horas de estresse, o *happy hour*. Não importa se esta solução é apenas uma boa desculpa para voltar mais tarde para casa e se divertir com os amigos, mas a verdade é que a “esticadinha” depois do trabalho já virou tradição do paulistano. E lugares não faltam para incentivar o chope ou a cervejinha no final da tarde: são mais de 15 mil bares e as mais diversas opções, seja na agitação da Vila Madalena e Vila Olímpia, nos modernos bares da região da Avenida Paulista ou nos tradicionais Bar do Léo e Bar Brahma, no Centro.

Diversão não falta mesmo. Se depois do *happy hour* o paulistano ainda não quer voltar para casa, a “balada”

continua. Tem espaço para todos os ritmos e tribos: samba-rock, forró, reggae, rock, música eletrônica. E nada de voltar cedo para casa, aqui a noite vai longe. Diferente de outras capitais brasileiras e internacionais, em São Paulo a noite acaba só na manhã seguinte. Além da festa normal, que muitas vezes vai até 5, 6 horas da manhã, mesmo em dias da semana, os mais afoitos ainda encontram nos *after hours* (festas que só começam pela manhã) mais diversão.

Cultura e diversão para todos

A vocação de São Paulo para as artes também é reconhecida no mundo todo. A quantidade de museus, teatros e galerias espalhadas pela cidade são comparáveis às outras grandes metrópoles do mundo. Cultura para todos os gostos, todos

os bolsos e em todos os lugares. No total são 257 salas de cinema, 102 teatros, 11 centros culturais e 70 museus.

No ano passado, a capital paulista foi palco de shows internacionais de peso e grandes espetáculos como Björk, Pet Shop Boys, Roger Waters, Devo, Placebo e Bryan Adams, recebeu a trupe canadense Cirque Du Soleil e o Circo Internacional da China, além de espetáculos teatrais internacionais como O Fantasma da Ópera, A Bela e a Fera, Cats, Miss Saigon e Blue Men Group.

Lazer e cultura

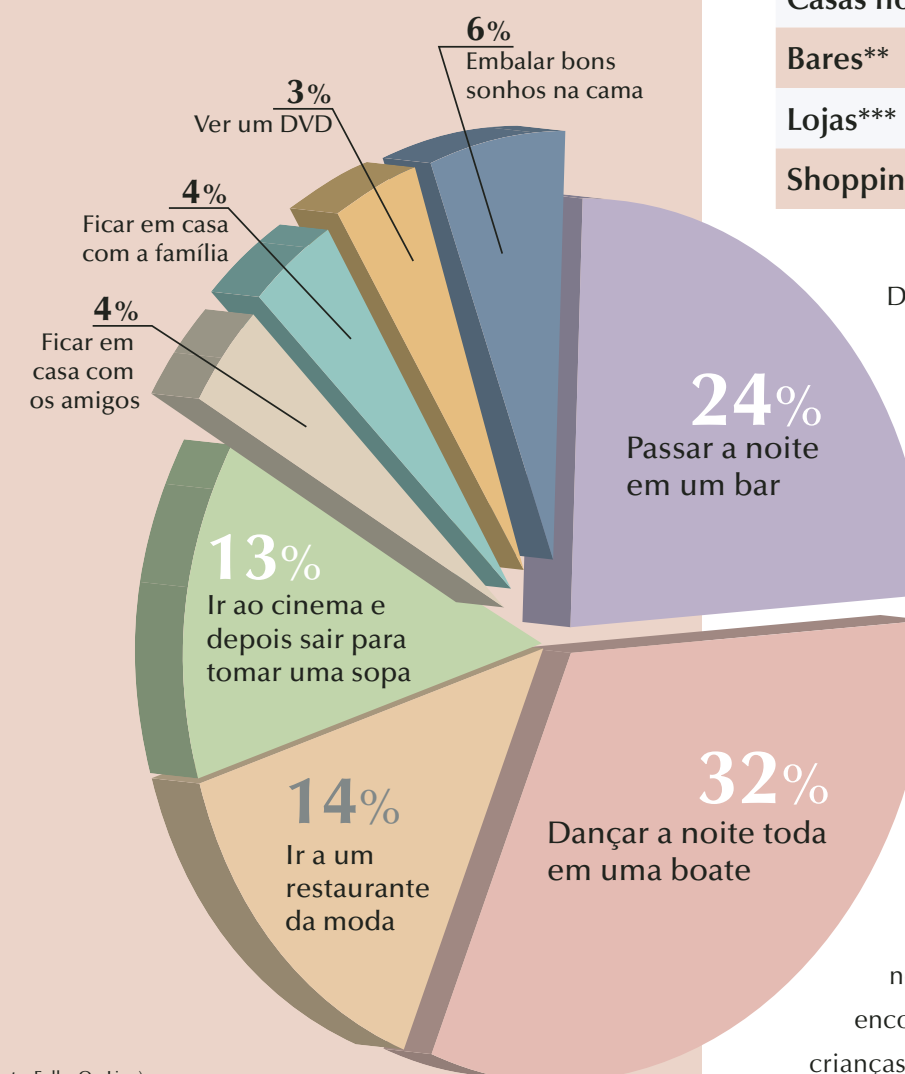
Feiras livres semanais*	900
Teatros*	120
Museus*	88
Cinemas*	55 com 257 salas no total
Bibliotecas*	75
Centros culturais*	39
Estádios de futebol*	7
Parques e áreas verdes*	53
Casas noturnas*	184
Bares**	15 mil
Lojas***	240 mil
Shoppings****	66

(Fonte: * SP Turis, ** Abresi, *** Editora Abril, **** Alshop)

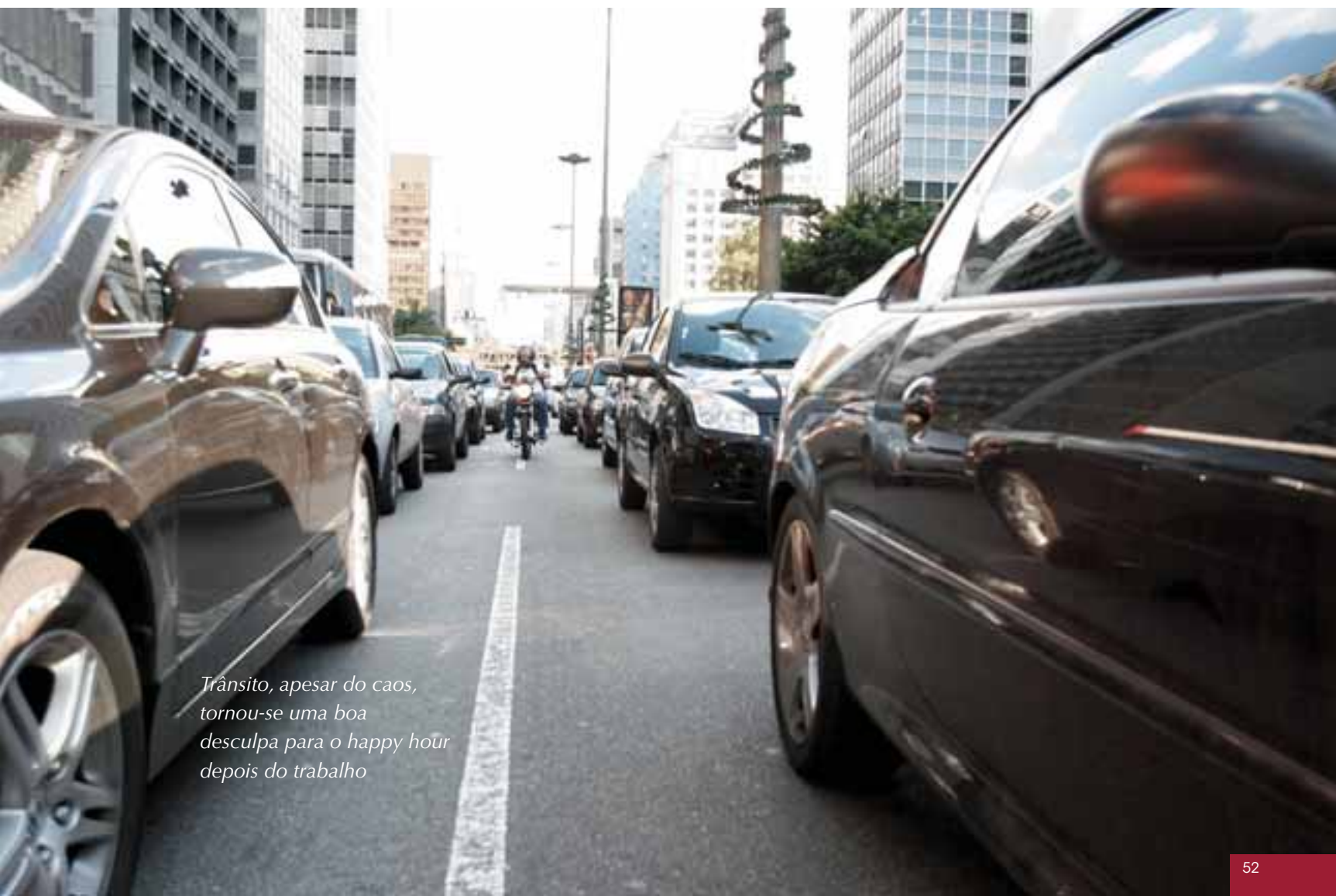
Diversão também é um ícone paulistano, seja em um dos seus cinco parques temáticos, seus sete estádios de futebol ou no Autódromo de Interlagos, sede do Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1, único espaço do circuito em toda a América Latina.

Também não podemos deixar de mencionar o esporte como parte muito importante na vida do paulistano. Seja nos parques, já que não temos praia, seja nas academias que fervilham diariamente na cidade toda. A capital abriga 32 parques municipais que servem como áreas de lazer e descanso para quem busca refúgio sem ir muito longe, principalmente nos finais de semana, onde a família paulistana encontra seu espaço para andar de bicicleta, tirar as crianças de dentro do condomínio ou levar o cachorro para passear.

Qual a melhor balada de São Paulo?



(Fonte: Folha On Line)



Trânsito, apesar do caos, tornou-se uma boa desculpa para o *happy hour* depois do trabalho

Cheguei num certo dia **25 DE JANEIRO**.

Ao vê-la pela primeira vez, assustei-me. Ela era **FORMOSA** e **AUGUSTA**. Uma verdadeira **FÁBRICA** de desafios que ficarão para sempre em minha **MEMÓRIA**.

Acordava cedo, na **AURORA** do dia hasteava a **BANDEIRA** da coragem para conquistar minha **LIBERDADE** de trabalhador e cidadão.

Via **ESTUDANTES** saindo da **REPÚBLICA**, falantes e sonhadores como as invenções de **MARCONI**, donas-de-casa garimpando na **QUITANDA**, office boys trabalhando como **MERCÚRIO**. Gente **DIREITA** e batalhadora, que inclusive já lutou pela **CONSTITUIÇÃO**.

Tão cheia de **LUZ** e de oportunidades. Abençoada por **SÃO JOÃO, SANTA IFIGÊNIA, SÃO BENTO, SANTA ROSA, SÃO FRANCISCO** e tantos outros.

Afinal, a **SÉ** está aqui! E nosso coração, também.

Homenagem da Viva o Centro aos 454 anos da Cidade de São Paulo.

Coloque também sua marca nessa história.
Participe da Associação Viva o Centro.

Principais Patrocinadores



Nossa Caixa



Banco Safra



Santander Banespa

BOVESPA
A Bolsa do Brasil



SONIA MARQUES
DÖBLER Advogados

MACHADO, MEYER,
SENDACZ E OPICE
ADVOGADOS

PINHEIRO NETO ADVOGADOS



Companhia Brasileira de Alumínio
Votorantim

universidade
anhembi
morumbi
Laureate International Universities
Mundialmente criativa e inovadora



Viva o Centro
São Paulo

Tel.: (11) 3556.8999
www.vivaocentro.org.br

São Paulo: três cidades em um século



Benedito Lima de Toledo
Cosac Naify, 208 páginas

Publicado pela primeira vez em 1980, o livro do arquiteto Benedito Lima de Toledo ganha mais uma reedição. Com texto e projeto gráfico inteiramente renovados, a quarta edição de “São Paulo: três cidades em um século” está mais didática e informativa.

Dividido em três partes (A cidade de taipa, Palimpsesto e Projetos para uma metrópole), é uma contribuição excepcional no que diz respeito à memória da cidade de São Paulo. O autor utiliza basicamente imagens pertencentes ao seu acervo, chamando assim a atenção para a importância do uso da fotografia não só no que se refere à memória e história de um lugar, como também serve de instrumento de pesquisa e reflexão sobre a vida das cidades.

Na primeira parte, “A cidade de taipa”, nos é apresentada a São Paulo pré-ferrovia, uma cidade de barro (pois era com esse material que eram construídas as casas, as “altas torres”, os sobrados, a cadeia), de terra e de ruas sem calçamento. Naquela época, ainda se observava cenas pitorescas, como por exemplo, as lavadeiras que recorriam aos córregos, devido a falta de água nos chafarizes públicos, cena ilustrada na foto de Militão Augusto de Azevedo em 1860.

Benedito destaca neste capítulo a importância dos artistas, que a partir do século XIX, foram responsáveis pela iconografia paulistana, até então paupérrima. Entre eles: Hercules Florence, Jean-Baptiste Debret, Thomas Ender, Arnaud Julien Pallière, Charles Landseer e William John Burchell e o ituano autodidata Miguel Dutra. São esses os artistas que nos proporcionam diversas visões do mesmo local e época, como podemos observar nas imagens do Mosteiro de Nossa Senhora da Luz, retratado por Burchell e Miguel Dutra (1981) e pelo próprio autor em belas imagens de 1975.

Já na segunda parte do livro, “Palimpsesto” (um imenso pergaminho cuja escrita é raspada de tempos em tempos para receber outra nova, de qualidade literária inferior, no geral), retrata a cidade reconstruída sobre si mesma no século XIX.

Após a chegada da ferrovia, o transporte à capital se tornou muito mais rápido e facilitou a entrega de material de construção, permitindo que os paulistanos pudessem morar em uma casa igual àquelas vistas nas capitais européias. Esse fato poderia ser positivo para o crescimento e desenvolvimento da cidade, não fossem as destruições geradas pelo progresso, já que nas palavras do autor “progresso nem sempre significa civilização”. E exemplifica: “Uma cidade capaz de gerar um parque como o Anhangabaú, um dos mais belos centros de cidade das Américas, para destruí-lo em poucas décadas, e sem necessidade, apenas por imediatismo e imprevidência. Capaz de criar uma Avenida Paulista, única por sua posição na cidade e insubstituível em sua elegância, para aos poucos destruí-la minuciosa e repassadamente. E, sem remorso.”

Mas o progresso também veio para o bem, e Benedito destaca as primeiras grandes transformações urbanas que ocorreram na presidência de Teodoro Xavier, entre 1972 e 1975, como por exemplo, a construção da Rua do Glicério (na época Rua Conde d’Eu), de 982 metros de extensão e 13 de largura.

Na terceira e última parte, “Projetos para uma metrópole”, o autor apresenta um dos episódios mais notáveis da história do urbanismo em São Paulo: um grupo de cidadãos requeria ao Congresso Legislativo do Estado licença para construir na cidade três amplas avenidas com todos os melhoramentos da época. Era o projeto denominado “Grandes Avenidas”, de autoria do arquiteto Alexandre de Albuquerque. No fim, São Paulo ganhou um dos mais belos conjuntos que já se construiu no Brasil, o Parque Anhangabaú. É neste capítulo também que vemos grandes obras destacadas, como o Largo da Memória projetado por Victor Dubugras, o Teatro Municipal, o novo Viaduto do Chá, o Edifício Martinelli e a Praça do Patriarca.

É com um pouco de tristeza, mas também com esperança que Benedito fecha sua obra. “Os poderes públicos sempre ficaram para trás da iniciativa privada e um código de obras anacrônico permitiu o uso abusivo do solo. Os símbolos urbanos, a imagem da cidade, os monumentos históricos deixaram de entrar na composição das preocupações das autoridades. Mas nunca é tarde para se começar”.



Retrato da metrópole

As etnias e cultura, o amor ao Centro, e a arquitetura de Marcos Acayaba são temas referentes à São Paulo que destacamos nas publicações desta edição



SÃO PAULO ARTES E ETNIAS

Percival Tirapeli, fotos de Manoel Nunes da Silva

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

O livro traça um panorama dos mais completos sobre a arte e arquitetura da capital paulista, resgatando a história da cidade e a forma como as mais diversas etnias ergueram muitos tipos de edifícios em todo o município. O assunto São Paulo é desenvolvido ainda por aspectos físicos e geográficos, trazendo informações sobre parques, mananciais, distribuição étnica e roteiros do Centro. Temas como a natureza, as nações indígenas, as bandeiras paulistas, arte e fé e, principalmente, os imigrantes são cuidadosamente tratados.



LAND READJUSTMENT E OPERAÇÕES URBANAS CONSORCIADAS

Daniel Todtmann Montandon e Felipe Francisco de Souza

Romano Guerra Editora

O objetivo desta publicação é debater as idéias sobre o Land Readjustment e analisar até que ponto os conceitos, técnicas e resultados obtidos no contexto internacional desse instrumento contribuem para o aprimoramento da prática do planejamento urbano de São Paulo, mais especificamente na política de desenvolvimento urbano, por meio das intervenções das Operações Urbanas Consorciadas. A pesquisa básica sobre o método japonês para desenvolver esse projeto foi elaborada pelos autores com material proveniente do Japão.

DESENHO UNIVERSAL – MÉTODOS E TÉCNICAS PARA ARQUITETOS E URBANISTAS

Silvana Cambiaghi

Editora Senac São Paulo

Com o objetivo de conscientizar arquitetos e urbanistas sobre a possibilidade de tornar construções e cidades acessíveis a qualquer pessoa, o livro da arquiteta Silvana Cambiaghi alerta para as urgências dos deficientes

físicos, convidando os profissionais da área a refletirem sobre as diferentes necessidades dos usuários de espaços e produtos. Outra parte da obra se dedica ao ensino do desenho universal nas universidades, já que problemas de exclusão nas construções e ruas brasileiras não faltam. Outro ponto importante tratado é a aplicação das normas de acessibilidade em casos como os patrimônios culturais tombados.

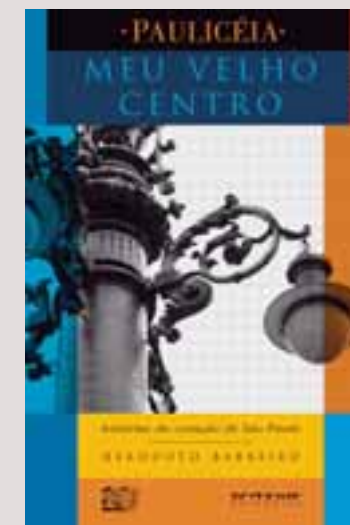


MEU VELHO CENTRO – HISTÓRIAS DO CORAÇÃO DE SÃO PAULO

Heródoto Barbeiro

Coleção Paulicéia, co-edição da Boitempo e Edições SESC-SP

O jornalista Heródoto Barbeiro nasceu, cresceu e ainda hoje vive no Centro de São Paulo. As características e as mudanças pelas quais passaram esse lugar agitado são contadas com emoção, mesclando a história da cidade e sua vida. O livro traz curiosidades do presente e do passado, como o parque de diversões Shangai, cinemas e mesmo rios que desapareceram, enterrados pelo crescimento desenfreado. Tudo ilustrado com fotos pessoais de Heródoto Barbeiro e imagens do atual Centro de São Paulo, do fotógrafo Ricardo Hara.



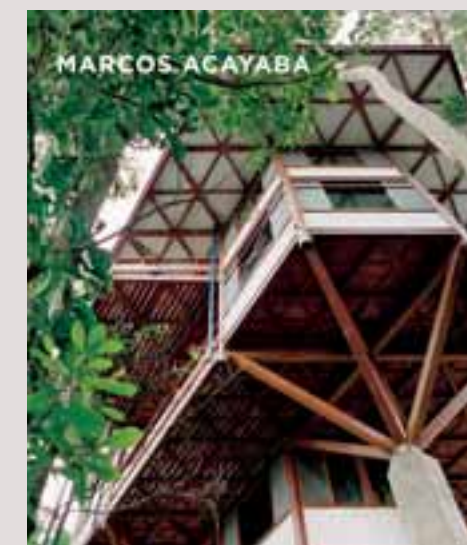
MARCOS ACAYABA: 35 ANOS DE ARQUITETURA

Marcos Acayaba

Cosac Naify

Elaborado a partir da tese de doutoramento de Marcos Acayaba, este livro é uma crônica de sua obra e experiência formativa, enfatizando aspectos da síntese pessoal entre projeto, pesquisa e construção.

Nos relatos de Acayaba transparece o modo produtivo de sua arquitetura, baseada na diversidade, no exercício de liberdade projetual. Sua obra vem de uma geração pós 60, em que a questão estrutural é importante para sua formalização e fruto do bom relacionamento com os mestres paulistas modernos que nesta época lecionavam na FAUUSP.





“Carcamano pé-de-chumbo
calcanhar de frigideira
quem te deu a confiança
de casar com brasileira?”

A animosidade, a desconfiança, e um certo desprezo pelos trabalhadores italianos que saíram de seu país para a lida nas fazendas paulistas de café, não foi suficiente para expurgar da vida da cidade de São Paulo o seu jeito alegre, a sua culinária e a sua disposição para o trabalho. Apesar da resistência à integração com os brasileiros, tão bem demonstrada em versinhos populares da época, como o que abre esse texto, os italianos se tornaram indispensáveis para o crescimento de São Paulo.

Esse processo de integração com os brasileiros, de formação do povo da nossa cidade, se mostra por completo nos 11 contos que formam o mais conhecido livro de Antônio de Alcântara Machado: “Brás, Bexiga e Barra Funda”.

No momento de seu lançamento, em 1927, poucos anos depois da Semana de Arte Moderna, o livro inovou na forma e na temática. Os contos de Alcântara Machado mostram a vida e os pequenos dramas de brasileiros e italianos na cidade de São Paulo, com uma linguagem de frases curtas e diretas que afrontam propositadamente o academicismo lusitano de autores como Coelho Neto e Rui Barbosa.



**NOVELAS PAULISTANAS:
BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA,
LARANJA DA CHINA, MANA
MARIA, CONTOS AVULSOS**

**Antônio de Alcântara Machado,
ilustrações de Poty**

*Livraria José Olympio Editora,
6ª edição, 1979*

Em 11 contos, a formação do jeito paulistano de ser

São personagens que nada têm de especial. Pessoas comuns de vidas comuns, às voltas com seus problemas cotidianos. O menino Gaetaninho, que sonha poder atravessar a cidade, bem vestido a bordo de um automóvel; a costureirinha Carmela, que se encanta pelo rapaz que lhe faz a corte a bordo de um Buick; ou a menina Lisseta, que se deixa arrebatar pelo ursinho de pelúcia carregado por uma outra menina, são exemplos desses pequenos dramas que desvendam a vida paulistana.

Os casamentos entre famílias italianas e não-italianas é um capítulo à parte. E tema de um dos contos mais esclarecedores de “Brás, Bexiga e Barra Funda”. Nesse conto intitulado “A Sociedade”, Alcântara Machado explora a estratégia utilizada (além, é claro, do poder de convencimento da sua riqueza e de seus bonitos automóveis) pelo pai italiano a fim de casar seu filho Adriano Melli com a filha da aristocrática família do Conselheiro José Bonifácio de Matos e Arruda.

A questão da nacionalidade, do cultivo da língua e das tradições pelas famílias italianas é abordada com rara clareza, principalmente no conto que fecha o livro. Nele, o barbeiro Tranquillo Zampinetti, que costumava ler em voz alta em plena barbearia os feitos de seus patrícios publicados na Fanfula, não se conforma com o fato de seus filhos Lorenzo e Bruno não se interessarem em aprender o italiano. E, de certa forma, foi exatamente o desinteresse em se manterem estrangeiros que levou a grande maioria dos filhos dos imigrantes a uma profunda integração com a população paulistana de origem não-italiana.

Seguros de sua nacionalidade brasileira, os filhos de imigrantes – mais do que seus pais – mesclaram-se à população, participaram das suas atividades como brasileiros natos que eram, casaram-se com membros das famílias não-italianas e formaram as novas famílias paulistanas. As famílias ítalo-brasileiras.

Cartas

Acusamos o recebimento e agradecemos o envio da Revista Urbs, número 44 para o acervo da Biblioteca Central da Universidade Braz Cubas, de Mogi das Cruzes.

Rosana Gadioli Bruno
Bibliotecária – Universidade Braz Cubas

Acabamos de receber a última Urbs. Parabéns. A revista vem ganhando corpo.

**Fernando de Mello, Marta Moreira
e Milton Braga**
Arquitetos

Recebi o exemplar da Urbs número 45. Aproveito para agradecer e elogiar não só o rico conteúdo como também o belo trabalho de fotografia.

Marcello Cavallieri Gomes
Diretor de Marketing da Aymoré Financiamentos

A matéria “As Escolas de Arquitetura e a Sustentabilidade” (pg. 42-47), utilizou imagens do livro do Urban Design Studio sem colocar fonte. No caso, na página 45, foram utilizadas duas imagens da equipe do Mackenzie, e eu sugiro que vocês falem com o Prof. Carlos Leite para que ele passe o nome dos alunos que a produziram. Na página 47, foi utilizada a imagem produzida pela Lenita Pimentel e pelo Frederico Otto Vogetta Neto, alunos da FAUUSP.

Já na página 58, o problema encontra-se no texto. A reportagem pretendia citar algumas publicações feitas neste ano sobre estudos na cidade de São Paulo. Sobre o livro do MIT, eles falaram:

“Após meses pesquisando e desenvolvendo propostas para a região Central de São Paulo, **arquitetos do curso de pós-graduação do Massachusetts Institute of Technology, da USP e da Universidade Presbiteriana Mackenzie** concluíram o projeto com o lançamento de um livro (...)”

Neste caso, o erro da frase faz com que se entenda que os alunos da USP e do Mackenzie eram da pós também. Na verdade, a equipe da USP contava com 13 alunos, sendo que 11 deles eram da graduação e somente dois eram alunos de intercâmbio da pós-FAUUSP. No caso do Mackenzie,

a equipe era formada por 12 alunos, sendo que 11 eram da graduação e somente um era do mestrado do Mackenzie.

Gostaria que constasse na edição seguinte uma errata citando o nome dos alunos que fizeram as imagens e também uma correção da composição dos alunos que fizeram parte do livro.

Juliana Regina Salles Pereira
Aluna de graduação da FAUUSP. Ela participou do projeto do Urban Design Studio, e diagramou, traduziu e montou a publicação juntamente com o arquiteto Leonardo Shieh.

Nota da Redação

Agradecemos as observações. Não foi nossa intenção omitir o nome dos autores das imagens reproduzidas. Elas foram identificadas como de autoria dos alunos das instituições, porque o próprio livro não traz os créditos individuais das imagens reproduzidas na matéria. Apenas nomeia, abaixo do título geral, os autores dos projetos.

No caso do projeto *Uma visão erótica da cidade desejável*, constam como autores 12 alunos do Mackenzie. Estes alunos são: Ricardo de Carvalho, Yara Baiardi, Renata Gouveia, Thaís Helena Ribeiro, André Navarro, Lílian de Oliveira, Guilherme Ortenblad, Ricardo Ramos, Gustavo Regina, Renata Magnusson, Renata Termignoni e Júlia Venzon.

No caso do projeto Compact_São Paulo, constam como autores os alunos da FAUUSP, Frederico Vogetta Neto e Lenita Pimentel, citados na correspondência.

O professor Carlos Leite foi um dos nossos entrevistados para a composição da matéria e nos cedeu o livro para exemplificar como a instituição de ensino incentiva do trabalho de alunos.

Na frase citada, os 12 alunos do Mackenzie que participaram do livro são aqueles que citamos acima, sendo que deles, o único que pertence à pós-graduação é Ricardo Ramos.





Viva o Centro
São Paulo

A história do Centro é feita de grandes nomes. E o seu futuro também.

ASSOCIAÇÃO VIVA O CENTRO

Entidade sem fins lucrativos, declarada de utilidade pública Federal por decreto em 9/3/2000 e auditada pela PricewaterhouseCoopers – Auditores independentes

ASSOCIADOS

Administração e Representação Telles • Agromont Administração de Bens e Participações • Agropecuária Juruá • Associação Brasileira de Bancos Internacionais – ABBI • Associação Brasileira de Designers de Interiores • Associação Brasileira de Empresas de Serviços Especiais de Engenharia • Associação Brasileira de Gastronomia, Hospitalidade e Turismo - ABRESI • Associação Brasileira de Pedestres – ABRASPE • Associação Brasileira dos Fotógrafos de Publicidade – ABRAFOTO • Associação Comercial de São Paulo – ACSP • Associação Cristã de Moços de São Paulo – ACM/CENTRO • Associação das Empresas Distribuidoras de Valores – ADEVAL • Associação de Comerciantes, Empresários e Liberais do Centro de São Paulo – ACELCESP • Associação dos Advogados de São Paulo – AASP • Associação dos Bancos no Estado de São Paulo – ASSOBESESP • Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil – ADVB • Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo • Associação dos Lojistas da Florência de Abreu – ALFA • Associação dos Oficiais de Justiça do Estado de São Paulo • Associação Nacional das Corretoras de Valores, Câmbio e Mercadorias – ANCOR • Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento – ACREFI • Associação Vida Positiva – Prevenção e Cidadania • Banco ABN AMRO Real • Banco Itaú • Banco Nossa Caixa • Banco Safra • Banco Santander Banespa • Bar Brahma • Biblioteca Mário de Andrade • Bolsa de Mercadorias & Futuros - BM&F • Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA • Caixa Econômica Federal • Câmara Interbancária de Pagamentos – CIP • Cartório Medeiros • Casa da Bóia • Casas Bahia • Celso Figueiredo Filho • Central de Outdoor • Centro Acadêmico “XI de Agosto” • Centro de Estudos das Sociedades de Advogados - CESA • Centro Universitário Belas Artes • Cia Brasileira de Alumínio – CBA • Cia Central de Importação e Exportação – CONCENTRAL • Cia do Metropolitan de São Paulo – METRÔ • Cia Paulista de Trens Metropolitanos – CPTM • Círculo Italiano – San Paolo • Colégio de São Bento de São Paulo • Condomínio Edifício Mercantil Finasa • Congregação Israelita de São Paulo/Templo Beth-El • Construtora Miguel Curi • Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo • CVC Turismo • Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo – EMLPASA • Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo – EMTU • Escola

Estadual de São Paulo • Escritório Fralino Sica • Estapar Estacionamentos • Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo • Federação Brasileira das Associações de Bancos – FEBRABAN • Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP • Federação de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Estado de São Paulo • Federação do Comércio do Estado de São Paulo – FECOMÉRCIO • Federação Interstadual das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento – FENACREFI • Fundação Escola de Comércio “Álvares Penteado” • Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP • Granadeiro Guimarães Advogados • Grupo Lund de Editoras Associadas • Grupo TMS • Igreja do Beato Anchieta • Inspeção Saleasiana de São Paulo • Instituto dos Arquitetos do Brasil - IAB/SP • Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo • Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa • International Police Association • Ituana Agropecuária • José Antonio Mangini Jr. • José Eduardo Loureiro • José Rodolpho Perazzolo • Just Traduções • Klabin • Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo • Logos Engenharia • Luigi Bertolli • Machado, Meyer, Sendacz e Ópice – Advogados • Mosteiro de São Bento de São Paulo • Museu da Cidade de São Paulo • Museu Pe. Anchieta • Ordem dos Advogados do Brasil – OAB/SP • Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Santa Ifigênia • Paróquia Nossa Senhora da Consolação • Pellegrino e Associados Engenharia • Pinheiro Neto – Advogados • Pioneer Corretora de Câmbio • Polícia Civil do Estado de São Paulo – DEATUR • Polícia Militar do Estado de São Paulo – 7ª BPM-M • PricewaterhouseCoopers Auditores Independentes • Rotary Club de São Paulo – República • São Paulo Convention & Visitors Bureau • Savoy Imobiliária e Construtora • Secretaria de Estado da Educação • Secretaria de Estado da Justiça e Defesa da Cidadania • Secretaria de Estado dos Transportes Metropolitanos • Serasa • Serviço Social do Comércio – SESC CARMO • Sindicato das Sociedades de Advogados dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro • Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo • Sindicato dos Empregados em Edifícios de São Paulo • Sindicato dos Comerciantes de São Paulo • Sindicato dos Bancários e Financeiros de SP, Osasco e Região • Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – APEOESP • Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva – SINAENCO • Sociedade Amigos de Vila Buarque, Santa Cecília, Higienópolis e Pacaembu • Sonia Marques Dobler – Advogados • Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades de São Paulo – SUTACO • Theatro Municipal de São Paulo • Terraço Itália Restaurante • Tozzini Freire Advogados • Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo • Trides Cia. Imobiliária Administradora • Universidade Anhembi Morumbi.

CONSELHO DIRETOR 2007/2009

Presidente

Henrique de Campos Meirelles

Vice-Presidentes

Milton Luiz de Melo Santos
Banco Nossa Caixa S.A.
Ricardo Terenzi Neuenschwander
Banco Itaú S.A.
Roberto Mateus Ordine
Associação Comercial de São Paulo – ACSP

Secretário

Luís Eduardo Ramos Lisboa
Associação Brasileira de Bancos Internacionais – ABBI

Tesoureiro

José David Martins Jr.
Bolsa de Mercadorias & Futuros – BM&F

Controlador

Elzo Aparecido Barroso
Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA

Conselheiros sem designação específica (em ordem alfabética)

Abram Abe Szajman – Federação do comércio do Estado de São Paulo – FECOMÉRCIO • Agostinho Turbian – Federação Nacional das Associações dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil – FENADVB • Alberto Gosson Jorge Jr. – Associação dos Advogados de São Paulo – AASP • Alencar Burti – Associação Comercial de São Paulo – ACSP • Alencar Costa – Federação de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo – FHORESP • Antonio Jacinto Matias – Banco Itaú S.A. • Arnaldo Antonio Martino – Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB/SP • Arnaldo Borgia – Serasa • Carlos Alberto Contieri, S.J. – Museu Padre Anchieta • Celso Cintra Mori – Pinheiro Neto Advogados • Celso Figueiredo Filho – Grupo Figueiredo • Clemência Beatriz Wolthers • Clodomiro Vergueiro Porto Filho – Ordem dos Advogados do Brasil – OAB/SP • Danilo Santos de Miranda – Serviço Social do Comércio – SESC • Domingos Fernando Refinetti – Machado, Meyer, Sendacz e Ópice Advogados – MMSO • Érico Sodré Quirino

Ferreira – Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento • ACREFI • Gabriel Mário Rodrigues – Universidade Anhembi Morumbi • Guilherme Afif Domingos • João Baptista de Oliveira – Associação Paulista de Imprensa – API e Sociedade Amigos da Cidade • João Grandino Rodas – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo • José Geraldo Barreto Fonseca – Tribunal de Justiça de São Paulo • Manoel Félix Cintra Neto – Bolsa de Mercadorias e Futuros – BM&F • Manoel Francisco Pires da Costa – Fundação Bienal de São Paulo • Márcio Kayatt – Associação dos Advogados de São Paulo – AASP • Matthias Tolentino Braga, Dom – Mosteiro de São Bento de São Paulo • Maurício Granadeiro Guimarães – Granadeiro Guimarães Advogados • Miguel Alberto Ignatios – Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil – ADVB • Miguel Sampol Pou – Klabin • Nelly Martins Ferreira Candeias – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo – IHGSP • Nelson de Abreu Pinto – Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo – SINHORES • Ney Castro Alves – Associação das Empresas Distribuidoras de Valores – ADEVAL • Orlando de Souza – São Paulo Convention & Visitors Bureau – SPCVB • Paulo Antonio Gomes Cardim – Centro Universitário Belas Artes • Paulo Ney Fraga de Sales • Raymundo Magliano Filho – Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA • Ricardo Patah – Sindicato dos Comerciantes de São Paulo • Sônia Maria Gianinni Marques Dobler – Sônia Marques Dobler – Advogados • Waldemiro Antonio dos Santos – Federação do Comércio do Estado de São Paulo – FECOMÉRCIO

CONSELHO FISCAL

José Heleno Mariano – Sindicato dos Contabilistas de São Paulo
José Joaquim Boarin – Sindicato dos Empregados em Edifícios de São Paulo – Sindifícios
José Maria Giaretta Camargo – Sindicato dos Contabilistas de São Paulo

ADMINISTRAÇÃO

Superintendente Geral: Marco Antonio Ramos de Almeida
Consultor: Jorge da Cunha Lima
Assessor Executivo: Antonio José Ayres Guidetti Zagatto

COORDENADORES DE ÁREA

Administrativa e Financeira – Cristina Café Fernandes
Apoio às Ações Locais – Teresinha Santana
Apoio Técnico – Tatiane S. Santa Rosa
Editoração e Imprensa – Ana Maria Ciccacio
Informática – Wagner F. Macedo

Conheça mais e saiba como participar acessando o site: www.vivaocentro.org.br

Principais Patrocinadores



MACHADO, MEYER,
SENDACZ E ÓPICE
ADVOGADOS



PINHEIRO NETO ADVOGADOS



Apoio Operacional



PINHEIRO NETO ADVOGADOS



CBA – Companhia Brasileira de Alumínio. Há mais de 50 anos, crescendo 9,6% ao ano.

Investimento de
R\$ 5 bilhões nos
últimos 5 anos.

Inauguração de
mais uma etapa
de expansão.

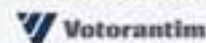
Vista aérea da Fábrica, em Alumínio (SP)

Mais do que alumínio, o que a CBA produz é crescimento. Por meio da auto-suficiência e da sustentabilidade, a CBA alcançou a posição de maior empresa integrada de alumínio do mundo, realizando desde o processamento da bauxita até a fabricação de produtos finais. Conquistas como essa são uma motivação para a CBA continuar crescendo com responsabilidade socioambiental e respeito aos colaboradores e às comunidades.

- ▶ A maior Fábrica de alumínio do Brasil: produção de 475 mil toneladas de alumínio em 2007.
- ▶ 18 Usinas Hidrelétricas: 60% de auto-suficiência em energia.
- ▶ 3 Unidades de Mineração: auto-suficiência em bauxita.
- ▶ Responsabilidade socioambiental: investimento em educação, saúde, atividades culturais e preservação ambiental.



Companhia Brasileira de Alumínio



CBA. O ALUMÍNIO DO BRASIL.
www.aluminiocba.com.br